

A LÍNGUA GERAL AMAZÔNICA:
ASPECTOS DE SUA FONÊNICA

por

LUIZ C. BORGES

9/10/91

Dissertação apresentada
ao Departamento de
Linguística do Instituto
de Estudos da Linguagem
da Universidade Estadual
de Campinas como
requisito parcial para
obtenção do título de
Mestre em Linguística.

Este exemplar é a redação final da tese

defendida por Luiz Carlos

Borges

e aprovada pela Comissão Julgadora em

26/06/91

Prof. Dr. Arnon Dall'Igna Rodrigues
orient.

Campinas - 1991

B644L
14136/BC

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL

AGRADECIMENTOS

Esta dissertação tem muitos pais e parceiros.

Meus agradecimentos são, portanto:

1. Institucionais: ao MPEG (DCH/Linguística) instituição centenária de pesquisa, onde trabalho e disponho de sustentação acadêmica para o trabalho linguístico; ao CNPq que financiou meu projeto e meu curso; à CAPES, que me forneceu por dois anos bolsa de estudo; à UNICAMP, onde fui iniciado nos mistérios linguísticos.

2. Acadêmicos: ao Prof^o Jurandyr Waghan, que me descobriu e me lançou o desafio de trabalhar com línguas indígenas; à Dra. Adélia M.E. de Oliveira Rodrigues, que, no escuro, aceitou o desafio de me fazer pesquisador; aos professores/colegas do IEL/UNICAMP de e com quem adquiri o incurável vício pela linguística; ao meu orientador, Prof^o Dr. Aryon Dall'Igna Rodrigues que, mestre e (im)paciente, esforçou-se por conduzir-me pelos caminhos da cientificidade, a despeito da minha rebeldia, devaneios e caos de poeta.

3. Pessoais: a todos que, direta e/ou indiretamente, recente e/ou remotamente, deram sua parcela de contribuição intelectual e/ou afetiva e/ou de confiança, para que eu desempacasse desta tarefa, a fim de seguir a correnteza até onde a Linguística e a Poesia me queiram levar.

4. De campo: à Lenir Maria da Silva, informante que se resgatou lingüísticamente nesta pesquisa e nos seus desdobramentos; ao povo de São Gabriel da Cachoeira cuja língua materna, hoje, se encontra em franco processo de substituição pela língua nacional: yasú yapuringitá yeŋgatú seanána itá!

KUÉ KATÓ RETÊ

para Bárbara, sempre

à Lourdes M. Gondim, cujo apoio, persistente incentivo e dedicação tornaram-me este trabalho menos árido.

A LÍNGUA GERAL AMAZÔNICA: ASPECTUS DE SUA FONÊMICA

Resumo

Esta dissertação apresenta os resultados de uma análise preliminar da Língua Geral Amazônica (LGA) (alto Rio Negro (AM)), segundo os princípios metodológicos da fonêmica clássica, e trata de dois aspectos fonológicos desta língua: o segmento e a sílaba. Encontra-se dividida em dois grandes cenários: o fonético e o fonológico.

No primeiro cenário, há a apresentação dos segmentos fonéticos da LGA, a partir de um modelo articulatorio, separando-se os segmentos nativos dos empréstimos, além de conter uma breve descrição da sílaba fonética.

No cenário fonológico ocorrem as interpretações fonêmicas dos segmentos; a análise do padrão e dos tipos silábicos, da nasalidade e do acento de intensidade. Também neste cenário, quanto à fonologia de segmentos, os fonemas nativos são apresentados em separado dos emprestados.

Contém, ainda, um anexo com mapas da região do alto Rio Negro, a distribuição lingüística dos moradores e a questão das identidades.

Autor : Luiz C. Borges
Orientador: Aryon Dall'Igna Rodrigues

SUMÁRIO

1. Introdução

1.1. A pesquisa

1.2. A cidade

1.3. A língua

. Notas

2. Cenário fonético

2.1. Propósito e parâmetros

2.2. Os empréstimos

2.3. O nível segmental

2.4. Empréstimos

2.5. Sílabas fonéticas

. Notas

3. Cenário fonológico

3.1. Proposta

3.2. Fonologia nativa

3.3. Fonologia dos empréstimos

3.4. Sílabas

3.5. Nasalidade das vogais

3.6. Acento

. Notas

Bibliografia

Anexos

1. INTRODUÇÃO

1.1. A Pesquisa

A decisão de estudar a Língua Geral Amazônica (LGA), como objeto de pesquisa no Departamento de Ciências Humanas do Museu Paraense Emílio Goeldi e, posteriormente, como tema para a dissertação de mestrado em Linguística na UNICAMP, decorreu da constatação da importância desta língua na história da conquista da Amazônia e como língua materna da população cabocla, no período colonial e durante o império; além do fato da LGA estar apenas parcialmente descrita. Outro fator que contribuiu para decidir pela LGA residiu na facilidade de acesso a informantes para a coleta de dados, sem precisar esbarrar nos empecilhos e na morosidade que caracterizam a expedição de autorização para pesquisa em áreas indígenas por parte da FUNAI.

Iniciei a coleta dos dados com uma informante, Lenir Maria da Silva, oriunda de Cucuí (AM), e que se encontrava em Belém já há algum tempo, trabalhando como empregada doméstica. A base do material utilizado nesta análise foi-me fornecido por esta informante. Em 1986 fiz uma viagem de um mês a São Gabriel da Cachoeira, hodiernamente o maior reduto de falantes da "geral", como os moradores costumam se referir à LGA (chamando-a

também de Nheengatú). Coletei novos dados, aproveitando para testar e comprovar as informações lingüísticas recebidas da minha informante em Belém. Meu principal informante em São Gabriel foi o Sr. Francisco Banguim de Andrade, de cerca de 80 anos, nascido na região de Cucuí e criado em São Gabriel, sendo falante nativo da LGA. Ambos os informantes são também falantes de português. Resulta disto que o material aqui analisado é representativo do dialeto do alto Rio Negro.

Em São Gabriel percebi o quanto esta língua ainda é presente no cotidiano (principalmente doméstico e íntimo) dos moradores tradicionais, mas, ao mesmo tempo, ficou-me igualmente evidente a constante pressão para aportuguesar definitivamente a região, erradicando a LGA.

Além da LGA e da língua portuguesa, outras línguas também são faladas na região do alto Rio Negro, provocando uma situação de fricção a um tempo étnica, social e lingüística: há falantes de tukáno, desáno e de algumas outras línguas. Cada um desses falantes apresenta um grau diversificado de multilingüismo. Um fato, entretanto, se sobrepõe: a atual língua de prestígio é a portuguesa, a qual cumpre também a função de servir como instrumento de homogeneização das diversidades presentes na área.

Ao término da coleta de dados, retornei a Belém para

prosseguir, junto à informante Lenir Maria da Silva, o processo de transcrição, ordenamento e análise do material coletado. Este foi um processo lento e longo, devido a uma série de fatores desfavoráveis, o que levou à frustração da expectativa de concluir o mestrado no tempo aprazado.

Finalmente, encontra-se concluída a análise e a redação desta dissertação, cujo texto foi lido, criticado, corrigido e encaminhado pelo meu orientador.

1.2. A Cidade

São Gabriel da Cachoeira, no Estado do Amazonas, localiza-se em um trecho encachoeirado do alto Rio Negro, particularidade da qual, aliás, deriva a sua denominação. O nome São Gabriel da Cachoeira designa tanto o município, antigamente chamado de Uaupés, quanto a cidade sede. O acesso a esta região só é possível por via fluvial ou aérea.

A população está estimada em 20.000 habitantes para todo o município, sendo que destes cerca de aproximadamente 3.500 vivem na sede (RENAULT-LESCURE, 1989). Sua composição populacional reflete um emaranhado étnico e cultural do qual participam, em diferenciados níveis de contato, índios, caboclos, negros e brancos.

A ocupação dessa região por segmentos da sociedade nacional se intensificou a partir de 1973, com a

abertura de um trecho da Rodovia Perimetral Norte (BR-210), também com o início de um trecho da BR-307 ligando São Gabriel a Cucuí e, de um outro, partindo de São Felipe e indo até a fronteira com a Colômbia. Estas iniciativas atraíram um fluxo de ocupação bastante acentuado.

A atuação das Forças Armadas, notadamente do Exército e da Aeronáutica, contribuiu para que a fronteira norte-amazônica viesse a ser sistematicamente ocupada por representantes da sociedade envolvente, buscando integrá-la a projetos de exploração econômica e à política desenvolvimentista surgida nos anos 70 (SANTOS, 1984; RENAULT-LESCURE, 1989).

A ocupação humana da região do alto Rio Negro, que remonta ao período pré-colombiano, criou, por meio de contatos intertribais e interétnicos, uma "grande província etnográfica" composta de vários grupos tribais (SANTOS, 1984). Os povos indígenas que participam desta província etnográfica são: Tukáno, Desáno, Juriti, Wanáno, Tuyúka, Kubéwa, Barasáno, Karapanã, Arapáso, Yeba-Masã, Piratapúya, Suriáno, Mirititapúya, (da família lingüística Tukáno); Tariáno, Baníwa, Werekéna e Baré (da família lingüística Aruak) - todos denominados de índios do rio. Há ainda os Bará, Guaríba, Húpda, Kamã, Nadêb e Yahúp (família lingüística Makú - denominados índios do rio) (SANTOS, 1984; RODRIGUES,

1986; RENAULT-LESCURE, 1989).

Além desses grupos tribais, sujeitos de histórias e formas de organização social, rituais e línguas próprios, a partir do século XVII a região começou a ser ocupada por agentes da ação colonizadora lusitana. Do contato, domínio e aculturação resultou, por um lado, o extermínio de algumas nações indígenas (como os Baré, Passé e Manao); por outro, a formação de uma sociedade cabocla, com características próprias, fruto deste processo histórico.

Linguísticamente, a ocupação dessa região permitiu o aparecimento de três línguas francas ou gerais. A predominância de uma ou de outra está relacionada à área de influência de um grupo majoritário, ou ao tipo de política de ocupação e de integração que, em determinado momento, esteja sendo seguido.

Quanto à área de influência, nota-se a relação de dominação que a sociedade nacional, cujos representantes locais são os caboclos, exerce sobre os grupos tribais vizinhos, e um tipo similar de relacionamento intra-tribal. Dentre esses grupos sobressai-se a nação tukána que exerce um predomínio sobre os demais grupos. Neste caso, a língua tukáno impõem-se como a língua geral para as nações tukanizadas. Na área cabocla predominou durante cerca de dois séculos a LGA ou Nheengatú. Esta língua também era usual nos contatos entre índios e

caboclos. Detinha o status de língua de maior prestígio na região, uma vez que era considerada como a língua dos civilizados.

No que se refere à política de ocupação, a LGA predominou durante os dois primeiros séculos da colonização. É somente a partir da segunda metade do século XIX que a língua portuguesa adquire, de fato, status de língua dominante. A consequência imediata disto é o lento, mas progressivo desaparecimento da LGA, que passa a ser relegada a um plano secundário e até mesmo a ser estigmatizada.

A história da ocupação do alto Rio Negro por segmentos da sociedade nacional gerou, igualmente, problemas de identidade étnica e lingüística (ver anexos) ainda hoje presentes na sociedade rionegrense. A raiz desses conflitos se encontra nas pressões que agências e aparelhos de estado exerceram e continuam exercendo sobre a população cabocla e índia, visando integrá-la à sociedade envolvente, pretendendo desligá-la de seu passado/presente índio e de seu modo tradicional de ser. Neste particular, destaca-se a ação dos militares e dos salesianos, como forças-motrizes desta política de integração nacional.⁴

O crescimento populacional e o conseqüente predomínio de representantes da sociedade envolvente verifica-se a partir da construção da BR-210 e da chegada à região de

contingentes de trabalhadores (civis e militares). Ulteriormente, há avanços de frentes de exploração, tanto extrativas quanto comerciais. Este surto de desenvolvimento da cidade de São Gabriel provocou o surgimento de levas migratórias, especialmente aquelas vindas do nordeste brasileiro, mas, igualmente, de índios que se destribalizaram, vindos do interior do município.

Este quadro sugere mudanças bastante acentuadas nas relações étnicas, na estrutura organizacional da cidade, no seu desenvolvimento econômico e, finalmente, no definitivo desbancamento da LGA como instrumento de comunicação socialmente predominante, em favor da língua portuguesa.

1.3. A Língua

A LGA faz parte da família lingüística tupi-guarani e se desenvolveu a partir da língua tupinambá, mediante circunstâncias históricas bem específicas dentro do processo de colonização portuguesa da Amazônia, nos séculos XVII e XVIII.

A conquista efetiva da costa ao norte do litoral brasileiro e de toda região norte da colônia tem início com a expedição de Francisco Caldeira Castelo Branco (saída de São Luís em 25/12/1615 e chegada em 16/01/1616), motivada pela necessidade de confirmar o

domínio português sobre essas terras, frente à cobiça de outros empreendimentos europeus, e de explorá-las economicamente (OLIVEIRA, 1983; FIGUEIREDO, 1989).

Defrontam-se os portugueses com os índios tupinambá, frentes aos quais encontravam-se em acentuada desproporção numérica e, no que se refere ao conhecimento da terra, em franca dependência. Os tupinambá, ao contrário constituíam-se em esmagadora maioria e dominavam o meio ambiente que ocupavam e ao qual estavam adaptados. Os portugueses, por seu turno necessitavam apossar-se dos braços e do conhecimento indígenas a fim de poder explorar a terra.

É esta desproporção inicial que pode explicar porque não foi possível os portugueses, que dominaram os tupinambá, impor-lhes o uso da língua portuguesa. Ao contrário, a língua que vigorou nos contatos entre tupinambá e portugueses foi a do povo dominado. Além do mais, a geração de filhos de homens portugueses com mulheres tupinambá - que formou a base da população miscigenada (os caboclos) da amazônia do pós-conquista - mantém o tupinambá como língua materna e impede a língua portuguesa de se estabelecer na Amazônia.

A este fato alia-se ter sido a língua tupinambá usada como instrumento de dominação e de expansão colonialista portuguesa na Amazônia, gerando aqui uma característica peculiar que a diferencia do resto do Brasil colônia. O

uso do tupinambá pelos portugueses servia tanto para a exploração da terra (e para a imposição de topônimos e denominação da fauna e da flora), quanto para estabelecer domínio sobre outros povos indígenas. Estas ações fizeram com que a língua tupinambá excedesse os limites da sociedade tupinambá e sofresse alterações significativas.

A ocupação portuguesa na Amazônia, com relação ao surgimento, expansão e retração da LGA, pode ser dividida em 3 períodos (OLIVEIRA, 1983; EDELWEISS, 1969):

a) 1616-1750 - início da ocupação (fundação do povoado de Santa Maria de Belém) predomínio dos Tupinambá. Exploração dos recursos naturais da região (drogas do sertão), ação catequética e escravidão indígena. Expansão da língua tupinambá e tupinização da Amazônia. Este período se estende até a ascensão do Marquês de Pombal.

b) 1750-1840 - o Marquês de Pombal e a implantação de uma política destinada a tornar a língua portuguesa dominante na Amazônia, em lugar da LGA, que se torna proscrita. Expulsão dos jesuítas e formação dos diretórios de índios. Apesar da proibição, a população mestiça e os tapuyos persistem falando a LGA (sua língua materna). Período de co-ocorrência da língua oficial (o português) e a língua da população (a LGA) que vai até a

Cabanagem.

c) 1840 - com a derrota dos revolucionários cabanos (1840) ocorre, concomitantemente, uma desestruturação da organização social, que tinha no caboclo e no tapuyo dois segmentos importantes, causada pela dizimação de grande parte desses dois elementos e, em muitos casos, devido a sua dispersão durante a fuga à perseguição que lhes foi movida pelas tropas legais. Em consequência disto, a língua portuguesa se expande e se fixa na Amazônia. Mais tarde, levas de migrantes nordestinos avançam em busca da borracha e, sendo monolíngües em português, contribuem também para tornar a língua portuguesa consolidada na Amazônia.

Deste modo, quer pelas pressões e medidas governamentais, quer pela depopulação de falantes nativos, causada pela Cabanagem, a LGA se retrai, chegando a desaparecer em muitos lugares. É interessante notar que, do mesmo modo que a LGA foi-se expandindo no sentido leste-oeste (acompanhando a penetração lusitana da costa para o interior), também foi esse o sentido da sua retração, subsistindo em poucas áreas mais afastadas, como no alto Rio Negro, no Solimões às proximidades de Tefé, ou ainda além da fronteira, na Colômbia (segundo Maria Stélla González de Pérez, em comunicação pessoal).

Hoje, mesmo em seus redutos, a LGA enfrenta uma situação

de concorrência da língua portuguesa e das agências governamentais (escolas, Forças Armadas, etc.) e não-governamentais (os meios de comunicação de massa, por exemplo), de que resultará no banimento da LGA e na sua extirpação como língua nativa da população da região (ela já é estigmatizada como língua de makú, isto é, como língua de índio, pelas gerações mais novas de São Gabriel).

E este dado se torna ainda mais significativo quando se o compara com a situação do alto Rio Negro no início deste século, segundo COSTA AGUIAR (1903) e NIMUENDAJÚ (1982), quando havia uma quase que absoluta predominância da LGA e raros eram os falantes de português (de modo geral apenas alguns homens). Atualmente, ao menos na cidade de São Gabriel, não há falantes monolíngües de LGA, mas os há de português.

A LGA pode ser considerada um produto da ocupação portuguesa na Amazônia, a partir do momento em que o tupinambá se impõe como língua geral da região, sendo falada por brancos, mestiços e diversos grupos indígenas (tupi e não-tupi), já sob o domínio (religioso ou não) da coroa portuguesa (BARRROS, 1982 e 1983; DRUMMOND, 1984). E, como tal, a LGA pode ser caracterizada, ao menos até meados do século XVIII, como língua da colonização portuguesa na Amazônia e, certamente, como um fenômeno amazônico, por excelência.

Se a história externa da LGA não oferece muitos percalços, a sua aceitação, enquanto língua materna de um povo e de um momento histórico, encontra muita resistência por parte de numerosos estudiosos (é sintomático que, via de regra, os livros que tratam da história da Amazônia não mencionem a língua que vigorou durante os dois primeiros séculos da ocupação portuguesa) e seja mesmo objeto de polêmica quanto à sua legitimidade.

Há aqueles que a julgam uma língua artificial produzida ou "criada" pelos jesuítas (daí a sua denominação como tupi jesuítico), ou como língua corrompida do tupi tupinambá; outros ainda a entendem como mera simplificação operada pelo colonizador sobre a língua tupinambá. Também há aqueles que afirmam ser a LGA o produto do tupi gramaticalizado pelos jesuítas. Na maioria das vezes, a LGA é confundida como a língua tupinambá descrita por Anchieta e Figueira. Confira-se o que dizem a esse respeito: CÂMARA JR. (1977), NIMUENDAJÚ (1982), OLIVEIRA (1983), RIBEIRO (1986) e SANTOS (1984).

Só mais recentemente, com o avanço dos estudos lingüísticos, a LGA apresenta-se como um fenômeno lingüístico legítimo, a respeito do qual urge proceder a uma documentação científica, lingüística e histórica.

Há vários registros documentais sobre a LGA, compostos de vocabulários, textos religiosos, narrativas e

gramáticas que a abrangem desde o século XVIII. Destes podem ser citados o VOCABULÁRIO PORTUGUÊS-BRASILEIRO (século XVIII), os vocabulários de STRADELLI e de MANUEL JUSTINIANO DE SEIXAS e as lendas de AMORIM (século XIX), e a carta pastoral de COSTA AGUIAR (século XX).

Há ainda aqueles que procuraram apresentar uma descrição sistemática da gramática da LGA e os que o fizeram em forma de cursos, como TASTEVIN (1922), e COUTO DE MAGALHÃES (1876) entre outros. Nem sempre, todavia, esses estudos se revestiram de rigor científico, conforme os avalia EDELWEISS (1969), seja porque o modelo gramatical utilizado não fosse lingüístico, strito senso, ou seja por não indicar rigorosamente as fontes de seus dados.

Sobre a LGA, como documentação de rigor científico, além de RODRIGUES (1986) GRANNIER; PORTO & RODRIGUES (inédito), destaca-se FREIRE (1983) analisando a LGA enquanto fenômeno histórico ligado à ocupação portuguesa da Amazônia; TAYLOR (1985 e 1988) com uma descrição da fonologia e uma proposta de ortografia, e GRENAND & FERREIRA (1989), com um dicionário.

Na atualidade, a LGA continua o seu processo de refluência e, embora ainda seja uma língua de uso familiar, já é crescente, entre a nova geração (os nascidos a partir de 1970) o número daqueles que buscam identificar-se com o novo modelo nacional e cultural

levado ao alto Rio Negro com o surto desenvolvimentista que se iniciou após o golpe militar de 64 (construção de estradas, abertura de novas fronteiras agrícolas, presença de garimpeiros, intensificação da presença militar e reforço irrestrito aos salesianos, nacionalismo e integração nacional, deculturação de grupos tribais, etc.).

O conflito, a um tempo étnico, econômico e lingüístico, no cenário de São Gabriel, onde as principais línguas são o Português, a LGA e o Tukáno, leva também, entre outras conseqüências, a uma busca por uma nova identidade (conforme indicam SANTOS, 1984 e RENAULT-LESCURE, 1989). Veja-se, no anexo, um mapa onde as diversas identidades presentes entre a população de São Gabriel se encontram assinaladas.

Aliado a todos esses fatores, implanta-se no imaginário da sociedade brasileira uma "política do silêncio" (RODRIGUES, 1987), a qual, de modo sub-reptício, permite que nações, línguas e culturas indígenas sejam compelidas para a areia movediça da integração.

Este processo compulsório de integração acarreta, como conseqüência, danos irreparáveis ao causar a perda de um patrimônio humano e científico que, tratado de outro modo, reverteria em bens de que todos poderiam beneficiar-se (EVERETT, ms. dat.).

Em termos de utopia e de esperança, o desejo de quem se

dedica ao estudo das nações indígenas do Brasil e, no meu caso, da Amazônia, é de que jamais se cumpra a lúgubre previsão de EDELWEISS: "em breves anos, o último dialeto terá desaparecido com o derradeiro índio." (1969:36).

NOTAS

1. Para maiores informações sobre a história, as etnias e o processo de aportuguesamento do alto Rio Negro, consulte-se FREIRE (1983) e SANTOS (1984).

2. Confira FREIRE (1983) e MOREIRA NETO (1988).

2. CENÁRIO FONÉTICO

2.1. Propósito e parâmetros

O objetivo deste capítulo é apresentar um repertório fonético da LGA, de acordo com parâmetros articulatórios. A descrição dos dados baseia-se nas transcrições fonéticas dos enunciados obtidos de informantes nativos dessa língua.

2.2. Os empréstimos

Ao ter como objeto de estudo uma língua com as características históricas da LGA, como as apontadas anteriormente, algumas questões referentes a sua constituição lingüística podem ser levantadas. Procurar saber, por exemplo, se, na descrição de sua fonologia, deve ser considerado todo o inventário sonoro encontrado ou se somente o conjunto de segmentos que, grosso modo, podem ser nomeados como nativos. Com o termo nativo quero referir-me aos segmentos originários da língua Tupinambá, da qual, historicamente, a LGA é uma evolução. Metodologicamente e também com vistas às interpretações finais, a escolha de um ou de outro critério leva, certamente, à obtenção de resultados diferenciados.

Esta discussão preliminar sobre como descrever a LGA reveste-se de importância uma vez que, em relação a essa língua, depara-se o problema de ter de optar tratá-la:

a) como uma língua de fonologia mista - compondo-se de uma base fonológica de origem Tupinambá, de elementos da fonologia da língua portuguesa e elementos fonológicos de outras línguas indígenas; b) como uma língua que se caracteriza por combinar, em sua fonologia, mediante um sistema de ajustamento de regras de diferentes procedências, elementos do Tupinambá (a base nativa - no sentido específico em que este termo foi empregado anteriormente - dessa fonologia) com elementos de outras línguas.

No caso específico de (b) não há como separar os diversos elementos fonéticos ou fonológicos, pois o sistema apresenta-se como uma unidade complexa peculiar, ainda que, pelo menos para a grande maioria dos casos, possam ser reconhecidas as fontes dessa fonologia, caso um estudo comparativo seja realizado. Já no caso de (a), é hipoteticamente viável trabalhar separando, tanto quanto possível, as fonologias, tratando-as distintamente. O resultado final, operando com (a) ou com (b), da descrição fonológica de um sistema que apresenta as características da LGA, é igualmente válido.

No que tange à análise que será apresentada, pretendo tratar o conjunto dos dados reconhecidamente de origem Tupinambá, separadamente daquele fornecido pelos empréstimos. Também o inventário fonético será descrito

separando os segmentos nativos dos empréstimos.

No entanto, apesar de tratar distintamente elementos nativos e empréstimos, deve-se reconhecer que, na unidade da língua, há somente uma fonologia. As alterações que os empréstimos acarretaram na fonologia da LGA ficarão melhor entendidas mais adiante, quando tratar dos empréstimos como um todo.

Para melhor caracterização dos empréstimos encontrados na LGA, faz-se necessário estabelecer as seguintes distinções:

2.2.1. Empréstimos e falsos empréstimos - com este tipo de distinção, opero uma separação entre os elementos que, na história dos contatos da LGA, a ela se incorporam de modo inextrincável, daqueles outros que, embora não sendo essenciais para a comunicação em LGA, aparecem como intromissões lexicais nos enunciados de falantes da LGA (espécie de code switching). Hodiernamente, essas intromissões são majoritariamente da língua portuguesa. Ao primeiro tipo de elemento, totalmente incorporado e indispensável, denomino de empréstimo, ao segundo (code switching), de falso empréstimo.

2.2.2. Empréstimos históricos e atuais - neste subconjunto são diferenciados os empréstimos que entraram na LGA em fases anteriores ao momento atual da

língua (os quais já se encontram adaptados à LGA), dos que entraram em períodos recentes e ainda conservam, se não no todo, ao menos em boa parte, algumas das características de sua língua de origem.

É possível combinar esses dois subconjuntos entre si, obtendo-se a seguinte combinação: a) empréstimos propriamente ditos ou históricos e b) falsos empréstimos ou atuais.

Quanto aos empréstimos propriamente ditos, na convenção aqui adotada, estruturalmente são os que, ora mais, ora menos, interferem na fonologia da LGA. Todavia, é inegável que, entre esses empréstimos há uns que apresentam maior adaptação à fonologia nativa da LGA do que outros. Esta constatação permite dividi-los em dois subgrupos: a) empréstimos antigos, apresentando maior adaptação à LGA e b) empréstimos recentes, cuja adaptação fonológica é mínima.

Os empréstimos, se distinguem, ainda, por serem originados de diferentes línguas. Neste nível, somente é possível separar dois grandes grupos de línguas-fonte: a) a língua portuguesa que contribui com a grande maioria dos empréstimos e b) outras línguas indígenas amazônicas que também emprestaram alguns termos à LGA. Quanto a esse último grupo, conquanto não seja difícil distingui-los dos termos de origem Tupinambá, revela-se extremamente complicado identificar exatamente qual

língua emprestou à LGA. As dificuldades para proceder a essa identificação, através de uma investigação diacrônica e comparativa, são tanto lingüísticas quanto históricas. Tarefa, aliás, muito além do âmbito deste trabalho. Assim sendo, e para as finalidades imediatas deste estudo, os empréstimos, quanto a sua origem, ficam genericamente classificados em dois grandes conjuntos: a) língua portuguesa e b) línguas indígenas. Na análise, os empréstimos serão estudados conjuntamente.

Evidentemente, a esquematização aqui apresentada não é suficiente, por si só, para responder a todas as questões atinentes aos empréstimos na LGA. Faz-se necessário um estudo posterior para aprofundar a análise deste tópico.

2.3. O nível segmental - Para a apresentação do inventário dos sons da LGA recorrerrei a um primeiro corte através do qual são estabelecidos dois conjuntos fônicos, para os quais são definidos distintos parâmetros articulatórios: sons consonantais e sons vocálicos.

2.3.1. Sons consonantais

2.3.1.1. Consoante glotal - Na LGA há apenas um segmento glotal, produzido pela oclusão total da glote: [ʔ]

2.3.1.2. Consoantes supra-glottais - De acordo com os

critérios articulatórios de classificação, este conjunto de segmentos pode ser dividido em subconjuntos, segundo o ponto de articulação, o modo de articulação e o papel das cordas vocais.

2.3.1.2.1. Ponto de articulação

- (a) bilabiais: [p], [b], [m]
- (b) alveolares: [t], [d], [n], [s], [r]
- (c) alveopalatais: [tʃ] [dʒ] [ɲ] [ʃ]
- (d) velares: [k] [g] [ŋ]

2.3.1.2.2. Modo de articulação

- (a) oclusivos: [p], [b], [t], [d], [k], [g]
- (b) africados: [tʃ], [dʒ]
- (c) nasais: [m], [n], [ɲ], [ŋ]
- (d) fricativos: [s] [ʃ]
- (e) tepe: [r]

2.3.1.2.3. Papel das cordas vocais

- (a) surdos: [p], [t], [k], [tʃ], [s], [ʃ]
- (b) sonoros: [b], [d], [g], [dʒ], [m], [n], [ɲ], [ŋ], [r]

2.3.1.3. Quadro geral dos sons consonantais

Pontos de Articulação					
Modos de Articulação	BILABIAL	ALVEOLAR	ALVEOPALATAL	VELAR	GLOTAL
Surdo	p	t		k	ʔ
OCCLUSIVO					
Sonoro	b	d		g	
Surdo			tʃ		
AFRICADO					
Sonoro			dʒ		
NASAL					
	m	n	ɲ	ŋ	
FRICATIVO					
		s	ʃ		
TEPE					
		r			

2.3.1.4. Dados2.3.1.4.1. Glotal

[ʔ] - Ocorre com maior frequência entre vogais contíguas, sejam essas idênticas ou não, orais ou nasais; ocorre também depois de pausa, em monossílabos tônicos. A sua realização é predizível, pois ocorre exclusivamente e de modo facultativo, nos ambientes descritos acima. Outro fator que parece condicionar a

sua realização é o ritmo de fala. Em fala rápida e informal, o segmento oclusivo glotal tende a não se manifestar.

- | | | | | |
|-----|-----------------------|---|----------------------|-----------------|
| (1) | [ka'ʔa] | ~ | [ka'a] | 'folha', 'mato' |
| (2) | [tugu'ʔe] | ~ | [tugu'e] | 'velho' |
| (3) | [si'ʔi _h] | ~ | [si'i _h] | 'muitos' |
| (4) | [ʔi] | ~ | [i] | 'água' |
| (5) | [u'ʔi] | ~ | [u'i] | 'farinha' |
| (6) | [sɛ'ʔɛ] | ~ | [sɛ'ɛ] | 'doce' |
| (7) | [apitu'ʔu] | ~ | [apititu'u] | 'eu descanso' |

2.3.1.4.2. Supra-glottais

a) Oclusivos surdos - Ocorrem só antes de vogal, tanto no início como em meio de palavra.

[p]

- | | | |
|------|-----------|----------|
| (8) | [ʔpu] | 'mão' |
| (9) | [pa'i] | 'padre' |
| (10) | [ku'pe] | 'costas' |
| (11) | [pʔn'da] | 'anzol' |
| (12) | [puãm'pe] | 'unha' |

[t]

- | | | |
|------|------------------------|-----------|
| (13) | [ta'ʔn _h] | 'criança' |
| (14) | [tu'mʔn _h] | 'cuspe' |
| (15) | [re'tʔn _h] | 'muito' |
| (16) | [riti'mʔ] | 'perna' |
| (17) | [aɛn'ta] | 'eles' |

- (18) ['ŋũntu] 'só'
- (19) [ra'tiwǎ] 'sogro'
- (20) [sãn'ta] 'duro'
- [k]
- (21) [kũ'ŋã] 'mulher'
- (22) [ki'se] 'faca'
- (23) [ma'kirǎ] 'rede de dormir'
- (24) [sapu'kayǎ] 'galinha'
- (25) [kʔ'ʔʔǎ] 'pimenta'
- (26) [mu'kũ] 'dois'
- (27) [ka'riwǎ] 'branco (pessoa não índia)'
- (28) [ma'rikǎ] 'barriga'
- (29) [kã'werǎ] 'osso'
- (30) [x'kẽntu] 'perto'

b) Oclusivos sonoros

[b] - Ocorre só antes de vogal oral, após pausa em início de palavra e, em meio, geralmente, antecedido por [m].

- (31) ['buyǎ] 'cobra'
- (32) [šibu'i] 'minhoca'
- (33) [ʔm'birǎ] 'filho/a da mulher'
- (34) [inʔm'bu] 'linha de costura'
- (35) [šmba'u] 'eu como'
- (36) [waynšm'bi] 'beija-flor'
- (37) [mšm'bɛkǎ] 'mole'
- (38) [ũmba'a] 'não'

[d] - Ocorre sempre antes de vogal oral, em meio de palavra, antecedida de [n].

- (39) [p'ɲn'da] 'anzol'
 (40) [wirã'n'de] 'amanhã'
 (41) [usã'n'du] 'ele escuta'
 (42) [iã'n'de] 'nós'
 (43) [iã'n'du] 'aranha'
 (44) [mãnda'sar_h] 'casado'
 (45) [apurã'n'du] 'pergunta'

[g] - Ocorre antes de vogal oral, precedido de pausa, de [n] ou de [i] ou [ɣ].

- (46) [ga'pir_h] 'rio acima'
 (47) [gape'nũ] 'onda'
 (48) [pu'sãŋg_h] 'remédio'
 (49) [api'gaw_h] 'homem'
 (50) [i'gar_h] 'canoa'

c) Africados

[tʂ] - Ocorre só antes de [i], [ɣ] e [ɲ], em posição inicial e não-inicial de palavra, antecedido de vogal oral.

- (51) [tʂɲmbi'ʔu] 'comida'
 (52) ['tʂɲ] 'nariz'
 (53) ['tʂi] 'não'
 (54) [ritʂi'mã] 'perna'
 (55) [tʂi'tʂik_h] 'um tipo de cipó'
 (56) [ra'tʂiw_h] 'sogra'

[dʒ] - Ocorre somente antes de [i] e [ɪ], em posição medial de palavra, sempre antecedido de [n].

- (57) [rɛ̃n'dʒir_o] 'irmã (do irmão)'
 (58) [tukã̃n'dʒir_o] 'um tipo de formiga'
 (59) [ã̃ndʒi'ra] 'morcego'

d) Nasais

[m] - Ocorre precedido por pausa ou por vogal, oral ou nasal, e seguido por [b], [p] ou por vogal, oral ou nasal.

- (60) ['mir_o] 'gente'
 (61) ['mɛ̃n_o] 'marido'
 (62) [a'mã̃n_o] 'chuva'
 (63) [ma'rik_o] 'barriga'
 (64) [a'nã̃m_o] 'família'
 (65) [me'y_u] 'beiju'
 (66) [mara'ʔay] 'cansado'
 (67) [ʔm'bir_o] 'filho dela'
 (68) [tɛ̃ʔmbi'u] 'comida'
 (69) [mɛ̃m'bɛ̃k_o] 'mole'
 (70) [pũm'pɛ̃] 'unha'
 (71) [ʔm'pen_o] 'quebrou'

[n] - Ocorre precedido por pausa ou por vogal, oral ou nasal, e seguido por [t], [d] e [dʒ] ou por vogal, oral ou nasal.

- (72) [nã̃m'bi] 'orelha'
 (73) [panapa'na] 'borboleta'

- (74) ['mɛ̃n_o] 'marido'
 (75) [nɛ̃mã'ʔã] 'nada'
 (76) [nã'nã] 'abacaxi'
 (77) [para'nã] 'rio'
 (78) [iã'ne] 'nosso'
 (79) [repinay'tɛ̃sik_o] 'tu pescas'
 (80) [mɛ̃nda'sar_o] 'casado'
 (81) [ãndɛi'ra] 'morcego'
 (82) [sãn'ta] 'duro'
 (83) [s_o'kũntu] 'quentinho'

[ã] - Ocorre precedido por pausa ou por vogal nasal e seguido por vogal oral ou nasal.

- (84) [ãã'ʔã] 'aquele'
 (85) ['rãã_o] 'dente'
 (86) [kʔ'ʔʔã_o] 'pimenta'
 (87) [umũ'ãã] 'faz'
 (88) [kʔãã'pira] 'um tipo de caldo apimentado'
 (89) [pi'rãã_o] 'tesoura'

[ŋ] - Ocorre somente antecedendo [k] ou [g], sempre precedido de vogal nasal.

- (90) [kã'kãŋ_o] 'cabeça'
 (91) [ipi'rãŋ_o] 'vermelho'
 (92) [nãʔãŋkã'wer_o] 'aquele osso'
 (93) [iru'sãŋ_o] 'frio'
 (94) [tata'tɛ̃ŋ_o] 'fumaça'

e) Fricativos - Ocorrem no início ou no meio de palavra,

precedidos de vogal oral e seguidos de vogal oral ou nasal.

[s]

- (95) [sa'iw_h] 'saíva'
 (96) [siki'e] 'medo'
 (97) [turu'su] 'grande'
 (98) [sa'si] 'dor'
 (99) [usa'səmu] 'ele grita'
 (100) [ki'se] 'faca'
 (101) [a'səmu] 'saio'

[ʃ]

- (102) [umu'ʃəm_h] 'ela fia'
 (103) ['ʃəm_h] 'corda'
 (104) [ʃibu'ʔi] 'verme'
 (105) [kupi'ʃa] 'roça'
 (106) [ru_hʃ'ar_h] 'contrário'
 (107) [ipu'ʃi] 'podre'
 (108) [u'ʃari] 'ele deixa'

f) Tepe - Ocorre em posição inicial e não inicial de palavra, antes de vogal, seguido de vogal oral ou nasal, e precedido de vogal oral.

[r]

- (109) ['rer_h] 'nome'
 (110) [re'sa] 'olho'
 (111) [ru'i] 'sangue'
 (112) [u'kir_x] 'dorme'

(113) [ra'ir _h]	'filho/a de homem'
(114) ['ar _h]	'dia'
(115) [pirãñ'ta]	'duro'
(116) [pu'rãñg _h]	'bom', 'bonito'

2.3.2. Os Sons Vocálicos - Na LGA há sons vocálicos, orais e nasais, silábicos e assilábicos.

2.3.2.1. Sons vocálicos orais - Os sons vocálicos orais da LGA, quanto às regiões articulatórias, estão divididos em:

- a) Anteriores: [i] [ɿ] [e] [ɛ]
- b) Centrais: [a] [ɔ]
- c) Posteriores: [O] [o] [ɯ] [u]

Em relação à altura ou elevação da língua eles são:

- a) Altos: [i] [ɿ] [ɯ] [u]
- b) Médios: [e] [ɛ] [ɔ] [O] [o]
- c) Baixo: [a]

No que se refere à protusão labial são:

- a) Arredondados: [O] [o] [ɯ] [u]
- b) Não-arredondados: [i] [ɿ] [e] [ɛ] [ɔ] [a]

Os sons vocálicos altos, de acordo com a elevação da língua, podem ser subclassificados em: fechados [i] [u] e abertos [ɿ] [ɯ]. No que tange à posição da língua quanto às regiões articulatórias, subdividem-se em: anteriores [i] [ɿ] e posteriores [u] [ɯ]. Distinguem-se, ainda, levando-se em conta a protusão

labial, entre arredondados [u] [ʊ] e não-arredondados [i] [ɪ].

Aplicando este mesmo tipo de esquema aos médios, obtém-se: fechados [e] [o] e abertos [ɛ] [ɔ] [ɐ]; anteriores [e] [ɛ], central [ɐ] e posteriores [o], [ɔ]; arredondados [o] [ɔ] e não-arredondados [e] [ɛ] [ɐ].

Só há o registro de um som vocálico baixo, correspondente à região articulatória central e produzido sem protusão labial [a].

2.3.2.1.1. Quadro dos sons vocálicos orais

Regiões Articulatórias						
Altura da Língua	ANTERIOR		CENTRAL		POSTERIOR	
	Não-Arr.	Arr.	Não-Arr.	Arr.	Não-Arr.	Arr.
ALTO	Fechado	i				u
	Aberto	ɪ				ʊ
MÉDIO	Fechado	e				o
	Aberto	ɛ		ɐ		ɔ
BAIXO				a		

2.3.2.2. Sons vocálicos nasais - A classificação dos sons vocálicos nasais obedece aos mesmos parâmetros empregados para os orais.

Quanto à altura da língua são:

- a) Altos: [ɥ] [ʉ]
- b) Médios: [ɛ̃] [ɜ̃] [õ]
- c) Baixo: [ã]

Quanto às regiões articulatórias:

- a) Anteriores: [ɥ] [ɛ̃]
- b) Centrais: [ɜ̃] [ã]
- c) Posteriores: [õ] [ʉ]

Quanto à protusão labial:

- a) Arredondados: [õ] [ʉ]
- b) Não-arredondados: [ɥ] [ɛ̃] [ɜ̃] [ã]

2.3.2.2.1. Quadro dos sons vocálicos nasais

Regiões Articulatórias						
Altura da Língua	ANTERIOR		CENTRAL		POSTERIOR	
	Não-Arr.	Arr.	Não-Arr.	Arr.	Não-Arr.	Arr.
ALTO		ɥ				ʉ
MÉDIO		ɛ̃		ɜ̃		õ
BAIXO				ã		

2.3.2.3. Sons vocálicos assilábicos

Considerando-se as regiões articulatórias, eles são:

a) Anteriores: [y] [ʏ]

b) Posteriores: [w] [ʋ]

Em relação à existência ou não de protusão labial, são:

a) Arredondados: [w] [ʋ]

b) Não-arredondados: [y] [ʏ]

Quanto à nasalidade, distinguem-se em:

a) Oraais: [y] [w]

b) Nasais: [ʏ] [ʋ]

2.3.2.3.1. Quadro dos sons vocálicos assilábicos

Regiões Articulatórias				
Altura da Língua	ANTERIOR		POSTERIOR	
	Não-Arr.	Arr.	Não-Arr.	Arr.
Oral	y			w
ALTO				
Nasal	ʏ			ʋ

2.3.2.4. Dados

[i] - Ocorre em sílaba tônica e átona.

(117) [ˈi]

ˈágua

(118) [raˈtiw_o]

ˈsogro

(119) [ˈiwa]

ˈárvore

(120) [apiˈsaw_o]

ˈhomem

(121) [maˈkir_o]

ˈrede de dormir

(122) ['kiw_o] 'piolho'

(123) [ki'tʂi] 'para'

[ɪ] - Ocorre somente em sílaba átona.

(124) [ɪ'wak_o] 'céu'

(125) ['mim_ɪ] 'ali'

(126) [ɪ'wi] 'terra'

(127) [a'kir_ɪ] 'durmo'

(128) [p_ɪ'tõn_o] 'noite'

[e] - Ocorre em sílaba átona e tônica.

(129) [re'sa] 'olho'

(130) [ye'pe] 'um'

(131) [m_õ'me] 'onde'

(132) [k_õ'wer_o] 'osso'

(133) [w_{xr}'õn'de] 'amanhã'

(134) ['ape] 'aí'

(135) [yuki'se] 'caldo', 'seiva'

(136) [re'tân_o] 'muito'

[ɛ] - Ocorre somente em sílaba tônica.

(137) [yak_o'r_ɛ] 'jacaré'

(138) [a,p_ɛka'tu] 'longe'

(139) [wir'õn'd_ɛ] 'amanhã'

(140) [m_õ'b_ɛk_o] 'mole'

(141) [pu'õm'p_ɛ] 'unha'

[o] - ocorre somente em sílaba átona

(142) [s_õ'bir_o] 'minha filha' (ego feminino)

(143) [ko'tar_o] 'rápido'

- (144) [y_o'tuk_o] 'curto'
 (145) ['buy_o] 'cobra'
 (146) ['aw_o] 'cabelo'
 (147) [ya'war_o] 'cachorro'

[a] - ocorre em sílaba tônica e átona

- (148) [ya'tuk_o] 'curto'
 (149) [api'sa] 'ouvido'
 (150) [a'wa] 'quem'
 (151) [sã'n'ta] 'duro'
 (152) [ta'ta] 'fogo'
 (153) [ku'tar_o] 'rápido'

[0] - Ocorre somente em sílaba tônica.

- (154) [tšy'ym'bOk_o] 'cinza'
 (155) [a'kw0] 'sei'

[o] - Ocorre apenas em sílaba átona não final.

- (156) [ko'tar_o] 'rápido'
 (157) [tokã'n'džir_o] 'tocandira' (um tipo de formiga)
 (158) [ko'žm_o] 'manhã'

[ɔ]- Ocorre em sílaba tônica e átona

- (159) [turɔ'sɔ] 'grande'
 (160) [i'kěntɔ] 'perto'
 (161) [ɔsɛn'dɔ] 'ele escuta'
 (162) [ɔpɔ'pɔɾɪ] 'borbulha'
 (163) [pɔ'rãŋɔɔ_o] 'bom', 'bonito'
 (164) [pisa'sɔ] 'novo'

[u] - Ocorre em sílaba tônica e átona.

- (165) [tʃʏmbi'u] 'comida'
 (166) ['buwɔ] 'cobra'
 (167) [pisa'su] 'novo'
 (168) [u'i] 'farinha'
 (169) [serua'ki] 'perto de mim'
 (170) [turu'su] 'grande'
 (171) [pu'rãjɔ] 'bon', 'bonito'
 (172) ['pu] 'mão'

[ʏ] - Ocorre tanto em sílaba tônica como em átona.

- (173) ['tʃʏ] 'nariz', 'bico'
 (174) [kuru'mʏ] 'menino'
 (175) [ʏm'birɔ] 'filho dela'
 (176) [ta'ʔʏnɔ] 'criança'
 (177) [kʏ'ʔʏɔ] 'pimenta'

[ʃ] - Ocorre em sílaba tônica e átona.

- (178) [pɔra'ʃ] 'peixe salgado'
 (179) [pʃ'yʃ] 'vocês', 'vós'
 (180) [aʃn'ta] 'eles'
 (181) [i'kʃntu] 'perto'
 (182) [mʃm'bɛkɔ] 'mole'

[ɔ] - Ocorre em sílaba tônica e átona.

- (183) [pipuɔm'pɛ] 'unha do pé'
 (184) [nɔm'bi] 'orelha'
 (185) [re'tɔmɔ] 'país'
 (186) [parɔ'nɔ] 'rio'

(187) [nã'nã] 'abacaxi'

[ã] - Ocorre em sílaba tônica e átona.

(188) [kãm'bi] 'seio'

(189) [re'tãna] 'muito'

(190) ['ãŋgã] 'alma'

(191) [ãmba'u] 'eu como'

(192) [ãmã'pã] 'vejo'

(193) [iãn'du] 'aranha'

(194) [a'nãmã] 'família'

(195) [parã'nã] 'rio'

[õ] - Ocorre em sílaba tônica.

(196) [a'mõ] 'outro'

(197) [õmã'nõ] 'ela morre'

[õ] - Ocorre em sílaba tônica e átona.

(198) [õmba'pa] 'não'

(199) [gape'nõ] 'onda'

(200) [a'õõ] 'só'

(201) [sei'rõ] 'comigo'

(202) [umõ'nõ] 'ele copula'

(203) [kõ'õã] 'mulher'

[y] - Ocorre sempre acompanhado de vogal silábica, átona ou tônica, em início, em meio ou final de palavra.

(204) [ya'si] 'lua'

(205) [yu'a] 'braço'

(206) [tuyu'pe] 'velho'

(207) [mayrã'me] 'quando'

- (208) [tu'yuk_n] 'panela de barro'
 (209) [kũyã'n'tay] 'menina'

[w] - Ocorre sempre acompanhado de vogal silábica, átona ou tônica, em início, em meio ou em final de palavra.

- (210) [wi'ra] 'pássaro'
 (211) ['kiw_n] 'piolho'
 (212) [sa'kwẽ'n_n] 'cheiroso'
 (213) [a'kwaw] 'sei'
 (214) [i'wa] 'fruta'
 (215) [wawi'ru] 'rato'
 (216) [ta'siw_n] 'formiga'
 (217) [apu'kway] 'amarro'
 (218) [remũ'ndew] 'tu vestes'

[y]-Ocorre sempre acompanhado de vogal silábica, oral ou nasal, tônica ou átona.

- (219) [yã'pã] 'aquele'
 (220) ['yũntu] 'sozinho'
 (221) [mũ'kũy] 'dois'
 (222) ['rãũ_n] 'dente'
 (223) [pi'rãũ_n] 'tesoura'

[w̃]- Ocorreu em apenas um exemplo, antecedendo vogal silábica, tônica e nasal.

- (224) [kã'w̃y] 'cachaca'

2.4. Empréstimos

Para o levantamento preliminar fonético e fonológico dos empréstimos aqui arrolados, não é relevante estabelecer a sua etimologia. A importância de apresentar este levantamento justifica-se pela existência, no léxico da LGA, de um número elevado de empréstimos e pelas implicações que alguns desses termos, emprestados a outras línguas, trouxeram para o sistema fonológico da LGA. Uma vez que nem todos os segmentos de empréstimo contribuíram para acrescentar novos elementos ao seu quadro fonológico, só serão destacados aqueles que, de algum modo, modificaram a fonologia da LGA.

2.4.1. Sons consonantais supra-glotaais

2.4.1.1. Pontos de articulação

- a) Labio-dentais: [f] [v]
- b) Alveolares: [z] [l]
- c) Alveo-palatais: [ʃ]
- d) Velares: [x]

2.4.1.2. Modo de articulação

- a) Fricativos: [f] [v] [z] [ʃ] [x]
- b) Lateral: [l]

2.4.1.3. Papel das cordas vocais

- a) Sonoros: [v] [z] [ʃ] [l]
- b) Surdos: [f] [x]

2.4.2. Quadro geral dos sons consonantais de empréstimo

Regiões Articulatorias				
Modo de Articulação	LABIODENTAL	ALVEOLAR	ALVEOPALATAL	VELAR
Surdo	f			x
FRICATIVO				
Sonoro	v	z	ʒ	
LATERAL		l		

2.4.3. Dados

2.4.3.1. Fricativos: [f], [v], [z], [ʒ] e [x] - ocorrem em início e em meio de palavra, precedidos ou seguidos de vogal oral ou nasal.

[f]

(225) [ˈfɛstɔ]

ˈfestaˈ

(226) [fɛstɔˈrukɔ]

ˈcasa de festaˈ

[v]

(227) [uviaˈʒaj]

ˈviajaˈ

(228) [ˈnuvɪ]

ˈnuvemˈ

(229) [truˈvãw]

ˈtrovãoˈ

[z]

(230) [ˈmezɔ]

ˈmesaˈ

[ʒ]

(231) [muˈʒɛkɔ]

ˈmujica (um tipo de sopa)ˈ

(232) [ʔa'nɛlɔ]	'janela'
(233) [uvia'ʔay]	'ela viaja'
[x]	
(234) ['xopɔ]	'roupa'
(235) [a'xoʃ]	'arroz'
(236) ['xuɔ]	'rua'

2.4.3.4. Lateral: [l] - ocorre em início e em meio de palavra, seguido ou antecedido de vogal oral

[l]

(237) ['leytʃɪ]	'leite'
(238) [ʔa'nɛlɔ]	'janela'

2.5. Sílaba fonética

2.5.1. A representação silábica

A estrutura silábica geral da LGA pode ser foneticamente representada por (C) (C) V (C). Esta representação silábica dá conta igualmente das palavras nativas e dos empréstimos .

2.5.1.1. Dados

(239) ['i]	V	'água'
(240) [ku'pe]	CV.CV	'costa'
(241) [a'kwɔ]	V.CCV	'eu sei'
(242) [ay'kwe]	VC.CCV	'há'
(243) [upu'kway]	V.CV.CCVC	'ele amarra'
(244) [upa'pay]	V.CV.CVC	'ela canta'

(245) [iʒ'trel_h] VC.CCV.CV 'estrela'

2.5.2 Variação de sílaba

Algumas palavras na LGA apresentam mais de uma representação fonética de sílaba. São três os casos em que isto ocorreu nos dados analisados.

2.5.2.1. Palavras que apresentam uma realização com oclusiva glotal e outra sem esse segmento. No primeiro caso, contém uma sílaba CV; no segundo, V#

(246) [ka'ʔa] CV.CV ~ [ka'a] CV.V 'folha'

(247) [tuyu'ʔe] CV.CV.CV ~ [tuyu'e] CV.CV.V 'velho'

(248) [tu'ʔŋma] CV.CV.CV ~ [tu'ŋma] CV.V.CV 'tumor'

2.5.2.2. Palavras com a vogal posterior alta /u/ diante de outra vogal, tônica ou pré-tônica, pode tornar-se assilábica.

(249) [kue'se] CV.V.CV 'ontem'

(250) [kwe'se] CCV.CV 'ontem'

(251) [ko'ŋma] CV.V.CV 'manhã'

(252) ['kwŋma] CCV.CV 'manhã'

(253) [ui'ara] V.V.V.CV 'hoje'

(254) [wi'ara] CV.V.CV 'hoje'

(255) [ku'ir_x] CV.V.CV 'agora'

(256) ['kwir_x] CCV.CV 'agora'

2.5.2.3 A vogal /i/ precedida por /t/ e seguida por outra vogal (tônica), pode após palatalizar o fonema

/t/, ser eliminada:

(257) [tʃi'âna] CV.V.CV 'ainda não'

(258) [ʔtʃâna] CV.CV 'ainda não'

2.5.2.4. Palavras problemáticas

Há um outro conjunto de palavras cujos segmentos apresentam problemas quanto à interpretação e, por conseguinte, não parecem transparentes quanto à estrutura silábica. Para esses casos, mais de uma representação silábica pode ser proposta:

(259) [ia'tuk_h] V.V.CV.CV ~ [ya'tuk_h] CV.CV.CV 'baixo'

(260) [iau'ti] V.V.V.CV ~ [yau'ti] CV.V.CV ~

[iaw'ti] V.VC.CV ~ [yaw'ti] CVC.CV 'jaboti'

(261) [wai'awa] CV.V.V.CV ~ [wa'yawa] CV.CV.CV 'goiaba'

3. CENÁRIO FONOLÓGICO

3.1. Proposta

O sistema fonológico da LGA, aqui descrito, constitui uma proposta preliminar de apresentar uma sistematização da fonologia desta língua. Esta análise está centrada na fonologia da palavra. Desta forma, processos fonológicos referentes a enunciados mais extensos e complexos (como a intonação), não foram incluídos nesta análise.

A apresentação da interpretação fonológica dos segmentos, encontra-se dividida em quatro subconjuntos, a saber: a) unidades fonológicas segmentais: consoantes e vogais; b) sílaba e padrão silábico; c) nasalidade e suas manifestações; d) o acento de intensidade.

3.2. Fonologia nativa

3.2.1. Fonemas consonantais

A LGA apresenta 11 fonemas consonantais distribuídos em 6 oclusivos, 2 nasais, 2 fricativos e um tepe.

Pontos de Articulação

Modos de Articulação	BILABIAL	ALVEOLAR	ALVEOPALATAL	VELAR
Surdo	p	t		k
OCLUSIVO				
Sonoro	b	d		g
NASAL				
	m	n		
FRICATIVO				
		s	ʃ	
TEPE				
		r		

A LGA só dispõe, em seu elenco de fonemas consonantais, de fonemas supraglotais. O segmento oclusivo glotal tem somente status fonético, não se constituindo em um fonema, uma vez que sua realização é predizível e, mesmo sob condições favoráveis à sua manifestação, ocorre apenas facultativamente. Os ambientes que condicionam a ocorrência deste segmento são:

1. Entre duas vogais contíguas, idênticas ou não, sendo a segunda delas tônica.
2. Depois de pausa, antecedendo um monossílabo tônico, constituído por vogal.

Nos dois casos, o segmento oclusivo glotal também está relacionado à tonicidade da vogal a que antecede. Não

registrei ocorrência deste segmento antes de sílaba átona. De modo geral, foi observado que, em uma situação de fala rápida e/ou descontraída, os falantes tendem a não realizar [ʔ]. Já em fala lenta ou mais formal, ou mesmo quando o falante quer explicitar todos os segmentos de um enunciado, [ʔ] pode realizar-se.

- | | | | | | |
|-----|---------|----------|---|-----------|------------|
| (1) | /kaá/ | [ka'a] | ~ | [ka'ʔa] | 'mato' |
| (2) | /uwaáy/ | [uwa'ay] | ~ | [uwa'ʔay] | 'ele cai' |
| (3) | /kiŷya/ | [kŷ'ŷya] | ~ | [kŷ'ʔŷya] | 'pimenta' |
| (4) | /i/ | [i] | ~ | [ʔi] | 'água' |
| (5) | /sež/ | [sž'ž] | ~ | [sž'ʔž] | 'doce' |
| (6) | /umbaú/ | [ŷmba'u] | ~ | [ŷmba'ʔu] | 'ela come' |

Para efeito de apresentação e discussão, os fonemas supra-glotaís foram divididos em dois grupos, o dos surdos e o dos sonoros.

3.2.1.1. 1ª Grupo: fonemas surdos

- | | | |
|-------------|-----|----------|
| Oclusivos: | /p/ | [p] |
| | /t/ | [t] [tʔ] |
| | /k/ | [k] |
| Fricativos: | /s/ | [s] |
| | /ž/ | [ž] |

3.2.1.1.1. Oclusivos

Os fonemas oclusivos surdos apresentam distribuição similar, ocorrendo em início e meio de palavra, sempre em posição inicial de sílaba.

O fonema /t/ apresenta dois alofones: [t] cuja realização é alveolar e sem restrição de ambiente e [tʂ], realização africada, que ocorre somente diante de /i/, ou de /ʏ/. Neste ambiente, o fonema /t/ pode realizar-se livremente como [t] ou como [tʂ]. Os demais fonemas oclusivos surdos apresentam apenas uma realização fonética.

/p/

- | | | | |
|------|----------|-----------------------------------|--------------|
| (7) | /puampé/ | [puãm'p _ɛ] | 'unha' |
| (8) | /umpéna/ | [Ům'pɛ̃n _ɔ] | 'ele quebra' |
| (9) | /pú/ | ['pu] | 'mão' |
| (10) | /rapé/ | [r _ɔ 'p _ɛ] | 'caminho' |

/t/

- | | | | |
|------|------------|--|----------------|
| (11) | /teresému/ | [tere'sɛ̃mu] | 'cheio' |
| (12) | /tasiwa/ | [ta'siw _ɔ] | 'formiga' |
| (13) | /ritimã/ | [riti'mã] ~ [ritʂi'mã] | 'perna' |
| (14) | /santá/ | [sã̃n'ta] | 'duro' |
| (15) | /tʏ/ | ['tʂʏ] | 'nariz' |
| (16) | /aentá/ | [aɛ̃n'ta] | 'eles' |
| (17) | /tutíra/ | [tu'tir _ɔ] ~ [tu'tʂir _ɔ] | 'tio' |
| (18) | /sasíntu/ | [sa'sintu] | 'dói um pouco' |

/k/

- (19) /kãwéra/ [kã'wer_h] 'osso'
 (20) /kisé/ [ki'se] 'faca'
 (21) /kawéra/ [ka'wer_h] 'bêbado'
 (22) /iké/ [i'ke] 'aqui'

3.2.1.1.2. Fricativos

A LGA apresenta dois fonemas fricativos surdos, /s/ e /š/. A distribuição destes dois fonemas é similar, ambos ocupam margem ascendente de sílaba, seja em início de palavra, depois de pausa, seja em meio de palavra. Tanto /s/ quanto /š/ ocorrem antes e depois de /i/, fato que demonstra que esses dois segmentos constituem fonemas distintos na LGA.

/s/

- (23) /sasí/ [sa'si] 'dor'
 (24) /usururú/ [usuru'ru] 'ele escorre'
 (25) /santá/ [s_h'ta] 'duro'
 (26) /usiriríka/ [usiri'rik_h] 'ele escorrega'
 (27) /isíma/ [i'sYm_h] 'liso'
 (28) /seš/ [s_h'š] 'doce'
 (29) /usikí/ [usi'ki] 'ele puxa'
 (30) /pisasú/ [pisa'su] 'novo'
 (31) /apisaíma/ [apisa'Ym_h] 'surdo'
 (32) /usikisikí/ [usikisi'ki] 'eu arrasto'

/ʒ/

- | | | | |
|------|-------------|----------------|----------------|
| (33) | /umuʒáma/ | [umu'ʒám̩] | 'ele fia' |
| (34) | /ʒáma/ | ['ʒám̩] | 'corda' |
| (35) | /ruaʒára/ | [ruám̩'ʒarám̩] | 'defronte' |
| (36) | /piʒúna/ | [pi'ʒún̩] | 'preto' |
| (37) | /ʒibuí/ | [ʒibu'í] | 'verme' |
| (38) | /wariʒí/ | [wari'ʒí] | 'enxerido' |
| (39) | /uʒári/ | [u'ʒar̩] | 'ele abandona' |
| (40) | /puʒuéra/ | [puʒu'erám̩] | 'feio' |
| (41) | /upiʒáma/ | [upi'ʒám̩] | 'ele belisca' |
| (42) | /usuayʒára/ | [usuay'ʒarám̩] | 'ele responde' |

3.2.1.2. 2ª grupo: fonemas sonoros

Na LGA foram detectados 6 fonemas sonoros: três oclusivos, /b/, /d/ e /g/; dois nasais, /m/ e /n/ e um tepe, /r/.

occlusivos:	/b/	[b]	
	/d/	[d]	[dʒ]
	/g/	[g]	
nasais:	/m/	[m]	
	/n/	[n]	[ŋ]
tepe:	/r/	[r]	

3.2.1.2.1. Oclusivos

Os três fonemas oclusivos sonoros da LGA apresentam distribuição bastante diferenciada entre si. O fonema /b/, com apenas uma realização fonética [b], ocorre, com maior frequência, em posição medial de palavra, quase sempre antecedido por nasal. Nos dados só ocorrem dois exemplos de realização do fonema /b/ não precedido por nasal. O fonema /d/ apresenta dois alofones em distribuição complementar: [dʔ] que somente se realiza diante de /i/ ou /Y/ e [d], nos demais ambientes. Outra característica desse fonema é ocorrer exclusivamente precedido por nasal, e em meio de palavra. Por sua vez, o fonema /g/ é o de maior distribuição, comparando-se com os dois outros. Ele se realiza tanto em início, quanto em meio de palavra. Neste último ambiente, o fonema /g/ se realiza em contexto oral ou nasal.

/b/

- | | | | |
|------|-----------|--------------------------|------------|
| (43) | /búya/ | [ˈbuy _n] | ˈcobra |
| (44) | /ʒibuí/ | [ʒibuˈi] | ˈminhoca |
| (45) | /menbéka/ | [mɛ̃mˈbɛk _n] | ˈmole |
| (46) | /timbiú/ | [tʃɪmbiˈu] | ˈcomida |
| (47) | /kambí/ | [kɔ̃mˈbi] | ˈseio |
| (48) | /umbaá/ | [ũmbaˈa] | ˈnão |
| (49) | /umbuí/ | [ũmbuˈi] | ˈele racha |

- (50) /míra ambíra/ [ˈmir̩ãmˈbir̩] 'gente morta'
- (51) /imbiráy/ [ˈĩmbiˈraɪ] 'ela pare'
- (52) /paraná rimbiíá/ [paˈranã rˈĩmbiˈiã]
'beira de rio'
- (53) /ambá/ [ãmˈba] 'eu acabo'
- /d/
- (54) /amundéw/ [amũnˈdew] 'eu visto'
- (55) /wirandé/ [wirãnˈde] 'amanhã'
- (56) /rendíra/ [rẽnˈdʒir̩] 'irmã (do homem)'
- (57) /apurandú/ [apurãnˈdu] 'eu pergunto'
- (58) /tukandíra/ [tokãnˈdʒir̩] 'um tipo de formiga'
- (59) /umendáy/ [umẽnˈday] 'ela casa'
- (60) /pindá/ [pɪnˈda] 'anzol'
- (61) /andirá/ [ãnˈdʒiˈra] 'morcego'
- (62) /umundúka/ [umũnˈduk̩] 'ele acende'
- /g/
- (63) /apigáwa/ [apiˈgaw̩] 'homem'
- (64) /apuríngitá/ [apurɪŋgiˈta] 'eu falo'
- (65) /ipiránga/ [ipiˈrãŋg̩] 'vermelho'
- (66) /igára/ [iˈgar̩] 'canoa'
- (67) /pusánga/ [puˈsãŋg̩] 'remédio'
- (68) /gapenú/ [gapeˈnũ] 'onda'
- (69) /tairangá/ [tairãŋˈga] 'afilhado'
- (70) /gapíra/ [gaˈpir̩] 'rio acima'
- (71) /igarasú/ [igaraˈsu] 'barco'

3.2.1.2.3. Nasais

Os dois fonemas nasais da LGA, /m/ e /n/, opõem-se quanto ao ponto de articulação e apresentam distribuição similar. O fonema /n/ apresenta dois alofones em distribuição complementar, [n] que ocorre antes de fonemas velares, e [ŋ] nos demais ambientes.

/m/

- | | | | |
|------|-----------------|-------------------------|---------------|
| (72) | /marakayá/ | [maraka'ya] | 'onça' |
| (73) | /anáma/ | [a'nãma] | 'parente' |
| (74) | /amána/ | [a'mãna] | 'chuva' |
| (75) | /kurumí/ | [kuru'mʔ] | 'menino' |
| (76) | /ména/ | [mẽna] | 'marido' |
| (77) | /teresému/ | [tere'sẽmu] | 'cheio' |
| (78) | /mími/ | [mʔmi] | 'ali' |
| (79) | /mamé/ | [mã'me] | 'onde' |
| (80) | /umumembéka/ | [umumẽm'beka] | 'ele amolece' |
| (81) | /usupá miraitá/ | [usu'pamirai'ta] | |
| | | 'foi embora toda gente' | |
| (82) | /seyumasí/ | [seyuma'si] | 'tenho fome' |

/n/

- | | | | |
|------|----------|-----------|-----------|
| (83) | /naná/ | [nã'nã] | 'abacaxi' |
| (84) | /nambí/ | [nãm'bi] | 'orelha' |
| (85) | /gapenú/ | [gape'nũ] | 'onda' |
| (86) | /inéma/ | [i'nẽma] | 'fedor' |
| (87) | /inimbú/ | [inʔm'bu] | 'fio' |

(88)	/umunáy/	[umŮ'naŷ]	'ela amassa'
(89)	/pusánga/	[pu'sãŋgɔ]	'remédio'
(90)	/tairangá/	[tairãŋ'ga]	'afilhado'
(91)	/purangántu/	[purãŋ'gãntu]	'bonitinho'
(92)	/aentá/	[aẽn'ta]	'eles'
(93)	/umunúka/	[umŮ'nukɔ]	'ela corta'
(94)	/ipúnga/	[i'pũŋgɔ]	'inchado'

3.2.1.2.4. Iene

O fonema /r/ opõe-se aos demais fonemas consonantais da LGA pelo modo ou pelo ponto de articulação.

/r/

(95)	/réra/	['rerɔ]	'nome'
(96)	/marandúa/	[marãn'duɔ]	'fuxico'
(97)	/wirá/	[wi'ra]	'pássaro'
(98)	/upirúka/	[upi'rúkɔ]	'ele descasca'
(99)	/mirí/	[mi'ri]	'pequeno'
(100)	/rurí/	[ru'ri]	'alegre'
(101)	/rãya/	['rãŷɔ]	'dente'
(102)	/umaramúya/	[umarã'mũŷɔ]	'ele briga'
(103)	/wariã/	[wari'ã]	'batata'
(104)	/kiriríntu/	[kiri'rĩntu]	'caladinho'

3.2.2. Oposições

Para demonstrar o status de fonemas dos segmentos analisados, seguem-se alguns exemplos de oposições entre eles.

	/p/		/t/	
(105)	/upeyú/	'ele sopra'	/teyú/	'calango'
(106)	/putíra/	'flor'	/tutíra/	'tio'
(107)	/upipíka/	'ele pinga'	/utitíka/	'ele treme'
(108)	/pí/	'pé'	/tí/	'não'
(109)	/apuká/	'eu rio'	/atuká/	'eu toco'
	/p/		/k/	
(110)	/pirá/	'peixe'	/kirá/	'gordura'
(111)	/píri/	'mais'	/ukíri/	'ele dorme'
(112)	/umpéna/	'quebra'	/ukéma/	'porta'
(113)	/ipiá/	'coração dele'	/ikiá/	'sujo'
	/p/		/s/	
(114)	/upuú/	'ela colhe'	/usuú/	'ele morde'
(115)	/uyapí/	'ela lança'	/yasí/	'lua'
(116)	/rapé/	'caminho'	/resé/	'em'
(117)	/kupé/	'costas'	/kisé/	'faca'
	/p/		/m/	
(118)	/upeyú/	'ele sopra'	/meyú/	'beijú'
(119)	/pirá/	'peixe'	/mirá/	'pau'
(120)	/rapé/	'caminho'	/ramé/	'quando'
(121)	/umpéna/	'ele quebra'	/ména/	'marido'

	/b/		/m/
(122)	/imbíra/	'filho/a dela'	/míra/ 'gente'
(123)	/umbeú/	'ela disse'	/meyú/ 'beijú'
(124)	/rembé/	'lábio'	/mamé/ 'onde'
(125)	/éibuí/	'minhoca'	/yumasí/ 'fome'
	/b/		/w/
(126)	/rembé/	'lábio'	/rewé/ 'língua'
(127)	/imbíra/	'filha dela'	/kiwíra/ 'irmão da mulher'
(128)	/umbaá/	'não'	/neawá/ 'ninguém'
	/t/		/k/
(129)	/taá/	'interrogação'	/kaá/ 'folha'
(130)	/utitíka/	'ele treme'	/ikitíka/ 'ele rala'
(131)	/putiá/	'peito'	/ikiá/ 'sujo'
	/k/		/m/
(132)	/kuyã/	'mulher'	/amuyã/ 'faço'
(133)	/ikirá/	'gordo'	/mirá/ 'pau'
(134)	/kuíri/	'agora'	/muíri/ 'quantos'
(135)	/rakŷya/	'pênis'	/ramŷya/ 'avô'
	/m/		/n/
(136)	/amána/	'chuva'	/anáma/ 'parente'
(137)	/retáma/	'país'	/retána/ 'muito'
(138)	/upisáma/	'ele belisca'	/pišána/ 'gato'
	/n/		/s/
(139)	/né/	'teu'	/sé/ 'meu'
(140)	/upiníma/	'ela pinta'	/upisíka/ 'ele pega'
(141)	/unupá/	'ele bate'	/supé/ 'para'

	/s/		/m/
(142)	/sasí/	'dor'	/imasí/ 'doente'
(143)	/seë/	'doce'	/umeë/ 'ele dá'
(144)	/usaã/	'ele sente'	/umaã/ 'ele vê'
	/s/		/k/
(145)	/suí/	'de'	/kuí/ 'farelo'
(146)	/usasému/	'ele grita'	/ukayému/ 'ele perde'
(147)	/supé/	'para'	/kupé/ 'costas'
	/s/		/t/
(148)	/santá/	'duro'	/tatá/ 'fogo'
(149)	/resé/	'em'	/reté/ 'demais'
(150)	/isíma/	'liso'	/yutíma/ 'ele planta'
	/s/		/r/
(151)	/supí/	'sim'	/rupí/ 'por'
(152)	/tasíwa/	'formiga'	/karíwa/ 'branco (pessoa)'
(153)	/kuesé/	'ontem'	/kueré/ 'cansado'
(154)	/apisá/	'ouvido'	/pirá/ 'peixe'
	/r/		/t/
(155)	/wirá/	'pássaro'	/uwitá/ 'ele nada'
(156)	/piréera/	'pele'	/upitéra/ 'ele chupa'
(157)	/irá/	'mel'	/itá/ 'pedra'
(158)	/ratíwa/	'sogro'	/tasíwa/ 'formiga'
	/r/		/k/
(159)	/ára/	'dia'	/áka/ 'chifre'
(160)	/uruarí/	'ele embarca'	/ruakí/ 'perto'
(161)	/ratíwa/	'sogro'	/kariwa/ 'branco (pessoa)'

	/ʒ/		/t/
(162)	/piʒúna/	'preto'	/pitúna/ 'noite'
(163)	/ʒáma/	'corda'	/retáma/ 'terra'
(164)	/ʒínga/	'pouco'	/murutínga/ 'branco (cor)'
(165)	/iʒé/	'eu'	/itá/ 'pedra'
	/ʒ/		/s/
(166)	/iʒé/	'eu'	/sé/ 'meu'
(167)	/uʒári/	'ele deixa'	/sasí/ 'dor'
(168)	/ʒibuí/	'minhoca'	/sikié/ 'medo'
(169)	/ʒama/	'corda'	/ikiasáwa/ 'sujeira'
(170)	/ruaʒára/	'lado'	/yukasára/ 'matador'

3.2.3. Fonemas vocálicos

A LGA dispõe de um sistema vocálico composto de 8 fonemas, dos quais 4 são orais e 4 são nasais. Há, ainda, dois fonemas semivocálicos.

Tanto as vogais quanto as semivogais apresentam alofonia.

a) Vogais orais

Regiões Articulatorias

Altura da Língua	ANTERIOR		CENTRAL		POSTERIOR	
	Não-Arr.	Arr.	Não-Arr.	Arr.	Não-Arr.	Arr.
ALTO		i				u
MÉDIO		e				
BAIXO				a		

b) Vogais nasais

Regiões Articulatorias						
Altura da Língua	ANTERIOR		CENTRAL		POSTERIOR	
	Não-Arr.	Arr.	Não-Arr.	Arr.	Não-Arr.	Arr.
ALTO		ɥ				ŋ
MÉDIO		ẽ				
BAIXO				ã		

c) Semivogais

Regiões Articulatorias						
Altura da Língua	ANTERIOR		CENTRAL		POSTERIOR	
	Não-Arr.	Arr.	Não-Arr.	Arr.	Não-Arr.	Arr.
ALTO		y				w

3.2.3.1. Fonemas vocálicos orais

Os fonemas vocálicos orais opõem-se tanto em termos de altura relativa da língua, quanto em relação à região articulatória. Apresentam alofones em distribuição complementar e em variação livre.

3.2.3.1.1. Anteriores

/i/ - O fonema /i/ apresenta dois alofones orais posicionais e um alofone nasal: [i] que se realiza em sílaba acentuada e átona, e [ɪ] realizando-se somente em sílaba não acentuada, em variação livre com [i]. O alofone nasalizado [ɨ], encontra-se em distribuição complementar com os alofones orais.

- (171) /imasí/ [ɪma'si] ~ [ima'si] 'doente'
 (172) /í/ [i] 'água'
 (173) /kiwíra/ [kɪ'wir_o] ~ [ki'wir_o] 'irmão(da mulher)'
 (174) /pindá/ [pɨ'n'da] 'anzol'
 (175) /mirá/ [mɪ'ra] ~ [mi'ra] 'árvore'
 (176) /míra/ [mɪ'r_o] ~ [mi'r_o] 'gente'
 (177) /iwí/ [ɪ'wi] ~ [i'wi] 'terra'
 (178) /upíɨ/ [upɨ'ɨ] 'ele ferroa'
 (179) /kufri/ [ku'irɪ] ~ [ku'iri] 'agora'
 (180) /sasíntu/ [sa'sɨntu] 'dorzinha'
 (181) /mími/ [mɨ'mɪ] ~ [mɨ'mi] 'lá'

/e/ - O fonema /e/ apresenta dois alofones orais, [e] e [ɛ]. Ambos ocorrem em sílabas tônicas em variação livre. Em sílaba átona final só ocorre [e]. Em ambiente nasal, ocorre um alofone nasalizado [ɛ̃], em distribuição complementar com os orais.

(182) /kupé/	[ku'pe]	'costas'
(183) /meyú/	[me'yu]	'beijú'
(184) /umenú/	[umẽ'nũ]	'ele copula'
(185) /membéka/	[mẽm'bɛkɔ]	'mole'
(186) /wirandé/	[wirãn'de] ~ [wirãn'dɛ]	'amanhá'
(187) /ména/	[mẽnɔ]	'marido'
(188) /rewé/	[re'wɛ]	'língua'
(189) /sež/	[sẽ'ž]	'doce'
(190) /yakaré/	[yaka're] ~ [yaka'rɛ]	'jacaré'
(191) /sakwéna/	[sa'kwẽnɔ]	'cheiroso'

3.2.3.1.2. Central

O fonema /a/ apresenta dois alofones orais: [a] que se realiza em sílabas acentuadas e não acentuadas, e [ɔ] apenas em sílabas não acentuadas. Há ainda dois alofones nasalizados: [ã] e [ã̃], condicionados por ambiente nasal, em distribuição complementar com os orais, e em variação livre entre si.

/a/

(192) /áwa/	['awɔ] ~ ['awa]	'cabelo'
(193) /ɪwáka/	[ɪ 'wakɔ] ~ [ɪ 'waka]	'céu'
(194) /makíra/	[mɔ 'kirɔ] ~ [ma 'kira]	'rede'
(195) /iandé/	[iã n 'de] ~ [iã n 'de]	'nós'
(196) /mamé/	[mã 'me] ~ [mã̃ 'me]	'onde'
(197) /akánga/	[ɔ 'kãŋgɔ] ~ [a 'kãŋga]	'cabeça'

- (206) /umpéna/ [Ūm'pĕn_ᵛ] 'ele quebrou'
 (207) /tuyué/ [tuy_ᵛ'e] ~ [tuyu'e] 'veiho'
 (208) /tuúma/ [tu'Ūm_ᵛ] ~ [tu'Ūm_ᵛ] 'pus'
 (209) /tumúna/ [tu'mŪn_ᵛ] ~ [tu'mŪn_ᵛ] 'cuspe'
 (210) /tagambúka/ [tãŷãm'bOk_ᵛ] ~ [tãŷãm'buk_ᵛ] ~
 [tãŷãŷãm'buk_ᵛ] 'cinza'
 (211) /tukandíra/ [ʔtokãñ'džir_ᵛ] ~ [tukãñ'džir_ᵛ] ~
 [tukãñ'džir_ᵛ] 'um tipo de formiga'
 (212) /usendú/ [usen'd_ᵛ] ~ [usen'du] 'ele escuta'
 (213) /umanú/ [uma'nõ] ~ [uma'nõ] 'ele morre'

3.2.3.2. Vogais nasais

Além de alofones vocálicos nasalizados dos fonemas vocálicos orais, a LGA apresenta também fonemas vocálicos intrinsecamente nasais. Estes se distinguem dos alofones nasalizados por não apresentarem fatores de condicionamento que expliquem a sua nasalidade. Os fonemas vocálicos, entretanto, somente ocorrem em sílaba tônica.

Regiões Articulatorias

Altura da Língua	ANTERIOR		CENTRAL		POSTERIOR	
	Não-Arr.	Arr.	Não-Arr.	Arr.	Não-Arr.	Arr.
ALTO		ʔ				Ū
MÉDIO		ẽ				
BAIXO				ã		

3.2.3.2.1. Anteriores

/ʔ/

- (214) /tʔ/ [tʔʔ] 'nariz'
 (215) /upʔ/ [upʔʔ] 'ele ferroa'
 (216) /saʔya/ [sʔʔʔ] 'semente'
 (217) /kapiʔ/ [kʔʔʔ] 'capim'
 (218) /kawʔ/ [kʔʔʔ] 'cachaça'

/ɛ̃/

- (219) /peɛ̃/ [pɛ̃ʔʔ] 'vós'
 (220) /iketɛ̃/ [ikeʔʔ] 'aqui mesmo'
 (221) /seɛ̃/ [sɛ̃ʔʔ] 'doce'
 (222) /tirɛ̃/ [tɛ̃iʔʔ] 'ainda não'
 (223) /piraɛ̃/ [piraʔʔ] 'peixe salgado'

3.2.3.2.2. Central

/ã/ : Apresenta dois alofones [ã] e [ɛ̃] em variação livre entre si.

- (224) /ipuruã/ [ipuruʔʔ] ~ [ipuruʔʔ] 'grávida'
 (225) /rãya/ [rʔʔʔ] ~ [rʔʔʔ] 'dente'
 (226) /yaã/ [ʔʔʔʔ] ~ [ʔʔʔʔ] 'aquele'
 (227) /umuyã/ [umʔʔʔ] ~ [umʔʔʔ] 'ele faz'
 (228) /kuyã/ [kʔʔʔʔ] ~ [kʔʔʔʔ] 'mulher'
 (229) /pirãya/ [piʔʔʔʔ] ~ [piʔʔʔʔ] 'tesoura'

3.2.3.2.3. Posterior

/ŷ/ : Apresenta dois alofones [ŷ] e [ʃ] em variação livre entre si.

- (230) /ramŷya/ [ra'mŷŷ_h] ~ [ra'mʃŷ_h] 'avô'
 (231) /ayŷ/ [a'ŷŷ] ~ [a'ʃʃ] 'só'
 (232) /mukŷy/ [mu'kŷŷ] ~ [mu'kʃŷ] 'dois'
 (233) /tatapŷya/ [tata'pŷŷ_h] ~ [tata'pʃŷ_h] 'carvão'

3.2.4. Semivogais3.2.4.1. Anterior

O fonema /y/ apresenta três alofones, um oral [y] e dois nasalizados, em flutuação livre, [ŷ] e [ñ]. O alofone oral e os nasalizados estão em distribuição complementar entre si, os últimos ocorrendo só em contexto nasal.

/y/

- (234) /yasí/ [ya'si] 'lua'
 (235) /yúntu/ [ʃŷŷntu] ~ [ñŷŷntu] 'sozinho'
 (236) /yawtí/ [yaw'ti] 'jaboti'
 (237) /kuyã/ [kŷŷã] ~ [kññã] 'mulher'
 (238) /uyáy/ [u'yay] 'ele encosta'
 (239) /mukŷy/ [mu'kŷŷ] 'dois'
 (240) /upukwáy/ [upu'kway] 'ele amarra'
 (241) /pirãya/ [pi'rãŷŷ_h] ~ [pi'rãññ_h] 'tesoura'

(242) /yepé/ [ye'pe] 'um'

3.2.4.2. Posterior

O fonema /w/ apresenta dois alofones em distribuição complementar, um oral [w] e um nasalizado [W], este só em contexto nasal.

/w/

(243) /wirandé/ [wirã'n'de] 'amanhã'
 (244) /rewé/ [re'we] 'língua'
 (245) /wawirú/ [wawi'ru] 'rato'
 (246) /uwewéw/ [uwe'wew] 'apagou-se'
 (247) /uyukwá/ [uyu'kwa] 'ele aparece'
 (248) /akwáw/ [a'kwaw] 'eu sei'
 (249) /kawĩ/ [kã'WY] 'cachaça'

3.2.5. Oposições

Alguns exemplos de oposições entre fonemas vocálicos.

3.2.5.1. Orais

/i/		/u/	
(250) /pí/	'pé'	/pú/	'mão'
(251) /uí/	'farinha'	/uú/	'ele bebe'
(252) /yasí/	'lua'	/yasú/	'vamos'
/i/		/e/	
(253) /wirá/	'pássaro'	/werá/	'relâmpago'
(254) /uyapí/	'ele atira'	/yepé/	'um'

(255)	/kambí/	'seio'	/rembé/	'lábios'
(256)	/supí/	'sim'	/supé/	'para'
	/i/			/a/
(257)	/nambí/	'orelha'	/ambá/	'eu acabo'
(258)	/íra/	'mel'	/ára/	'dia'
(259)	/iwí/	'terra'	/iwá/	'fruta'
(260)	/paí/	'padre'	/paá/	'dizem', -'contam'
	/e/			/u/
(261)	/aé/	'ele'	/aú/	'eu bebo'
(262)	/iké/	'aqui'	/uykú/	'ele está'
(263)	/piréra/	'pele'	/upirúka/	'ele descasca'
	/e/			/a/
(264)	/resé/	'em'	/resá/	'olho'
(265)	/upé/	'em'	/upá/	'acabou-se'
(266)	/umbeú/	'ele diz'	/umbaú/	'ele come'
	/a/			/u/
(267)	/yára/	'senhor'	/yúra/	'pescoço'
(268)	/yurá/	'mesa'	/yurú/	'boca'
(269)	/kaá/	'folha'	/kaú/	'bêbado'

3.2.5.2. Orais vs Nasais

	/i/		/ĩ/	
(270)	/tí/	'não'	/tĩ/	'nariz'
(271)	/pi/	'pé'	/upiĩ/	'ele pica'
(272)	/awí/	'agulha'	/kawĩ/	'cachaça'

	/e/		/ë/
(273)	/kupé/	'costas'	/kutë/ 'rápido'
(274)	/aé/	'ele'	/seë/ 'doce'
(275)	/payé/	'pajé'	/payë/ 'todo'
	/a/		/ã/
(276)	/maá/	'que'	/umaã/ 'ele vê'
(277)	/kaá/	'mato'	/yaã/ 'aquele'
(278)	/rapiá/	'testículos'	/wariã/ 'batata'
	/u/		/ü/
(279)	/yú/	'espinho'	/ayü/ 'sozinho'
(280)	/búya/	'cobra'	/tatapüya/ 'carvão'
(281)	/upeyú/	'ela sopra'	/piü/ 'pium'
(282)	/arú/	'espécie de sapo'	/arü/ 'bravo'

3.2.5.3. Nasaia

	/Y/		/ã/
(283)	/kiŸya/	'pimenta'	/rãya/ 'dente'
(284)	/kupiŸ/	'cupim'	/usaã/ 'ele sente'
(285)	/amutŸ/	'eu envergonho'	/marã/ 'por que'
	/Y/		/ë/
(286)	/tŸ/	'nariz'	/të/ 'mesmo'
(287)	/amutŸ/	'eu envergonho'	/kutë/ 'ligeiro'
(288)	/saŸya/	'semente'	/seë/ 'doce'
	/Y/		/ü/
(289)	/kiŸya/	'pimenta'	/raküya/ 'pênis'
(290)	/upiŸ/	'ele ferroa'	/piü/ 'pium'

(291)	/saŋya/ /ã/	'semente'	/ramŋya/ /ẽ/	'avô'
(292)	/usaã/	'ele sente'	/seẽ/	'doce'
(293)	/amaã/	'vejo'	/ameẽ/	'eu dou'
(294)	/yaã/ /ẽ/	'aquele'	/uyeẽ/ /ũ/	'ele fala'
(295)	/uyeẽ/	'ele fala'	/agũ/	'só'
(296)	/rẽ/	'ainda'	/arũ/	'bravo'
(297)	/peyẽ/	'vocês'	/piũ/	'pium'

3.3. Fonologia dos empréstimos

A fonologia da LGA sofreu modificações com a introdução de empréstimos, não só pelo fato de ter sido acrescida de novos fonemas, mas igualmente por ter aumentado a frequência e a distribuição de alguns dos fonemas nativos. No quadro dos fonemas consonantais foi onde se processou o maior número de acréscimos, enquanto que ao sistema de vogais foi adicionado apenas um novo fonema. A avaliação detalhada da influência dos empréstimos na LGA ficará, no entanto, para um estudo posterior que trate este assunto de maneira mais aprofundada.

3.3.1. Consoantes

Os empréstimos acrescentaram os seguintes novos fonemas consonantais ao inventário nativo: /f/ /x/ /v/ /z/ /ʒ/ /l/.

Regiões Articulatorias

Modo de Articulação	LABIODENTAL	ALVEOLAR	ALVEOPALATAL	VELAR
Surdo	f			x
FRICATIVO				
Sonoro	v	z	ʒ	
LATERAL		l		

3.3.1.1. Fricativos*

A ocorrência destes fonemas é bastante restrita, o número de dados obtidos é escasso.

/f/

- (298) /féʃta/ [ˈfɛʃtɐ] ˈfestaˈ
 (299) /feʃtarúka/ [fɛʃtɐˈrukɐ] ˈcasa de festaˈ

/v/

- (300) /núvi/ [ˈnuvi] ˈnuvemˈ
 (301) /truvãw/ [truˈvãw] ˈtrovãoˈ
 (302) /aviaʒáy/ [aviaˈʒay] ˈeu viajoˈ

/z/

- (303) /méza/ [ˈmezɐ] ˈmesaˈ

/ʒ/

- (304) /ʒanéla/ [ʒãˈnɛlɐ] ˈjanelaˈ
 (305) /uviaʒáy/ [uviaˈʒay] ˈele viajaˈ
 (306) /muʒéka/ [muˈʒɛkɐ] ˈmujicaˈ

/x/

- (307) /xúa/ ['xu_h] 'rua'
 (308) /xópa/ ['xop_h] 'roupa'
 (309) /adexubáy/ [adexu'bay] 'eu derrubo'

3.3.1.2. Lateral

Este fonema também ocorre escassamente.

/l/

- (310) /léyti/ [leyt_hi] 'leite'
 (311) /ʔanála/ [ʔá'n_hla] 'janela'
 (312) /istréla/ [i_h'tre_hla] 'estrela'

3.3.1.3. Outras influências dos empréstimos

Além de dotar a LGA de novos fonemas, os empréstimos também contribuem para aumentar a distribuição dos fonemas nativos, especialmente dos fonemas consonantais oclusivos sonoros, cujo caráter fonêmico também é reforçado.

/b/

- (313) /bésu/ ['besu] 'belço'
 (314) /búʂu/ ['bu_hʂu] 'estômago'
 (315) /béʂu/ ['be_hʂu] 'beijo'
 (316) /dabukurí/ [dabuku'ri] 'festa'
 (317) /barurí/ [baru'ri] 'fumo'

/d/

- (318) /dédú/ ['dedu] 'dedo'
 (319) /dar idar í/ [darida 'ri] 'cigarra'
 (320) /upudéy/ [upu 'dey] 'ele pode'
 (321) /kuradá/ [kura 'da] 'tipo de beijú'

/g/

- (322) /grósu/ ['grosu] 'largo'
 (323) /garápa/ [garapa] 'bebida fermentada'
 (324) /aguštáy/ [aguš 'tay] 'eu gosto'

3.3.2. Vogal

O fonema /o/ insere-se no sistema vocálico da LGA, reorganizando-o para um sistema de cinco vogais orais. /o/ apresenta dois alofones em distribuição complementar, um oral [o] e um nasalizado [õ].

/o/

- (325) /xópa/ ['xopa] 'roupa'
 (326) /grósu/ ['grosu] 'largo'
 (327) /ukoñeséy/ [ukõñe 'sey] 'ele conhece'
 (328) /ukontáy/ [ukõn 'tay] 'ele conversa'
 (329) /próntu/ ['prõntu] 'pronto'

3.3.3. Quadro geral dos fonemas de LGA, incluindo elementos nativos e de empréstimo.

3.3.3.1 Consoantes

Pontos de Articulação					
Modos de Articulação	BILABIAL	LABIODENTAL	ALVEOLAR	ALVEOPALATAL	VELAR
Surdo	p		t		k
OCCLUSIVO					
Sonoro	b		d		g
NASAL					
	m		n		
Surdo		f	s	ʃ	x
FRICATIVO					
Sonoro		v	z	ʒ	
LATERAL					
			l		
TEPE					
			r		
SEMI-VOGAL					
	w			y	

3.3.3.2. Vogais3.3.3.2.1. Orais

Regiões Articulatorias

Altura da Língua	ANTERIOR		CENTRAL		POSTERIOR	
	Não-Arr.	Arr.	Não-Arr.	Arr.	Não-Arr.	Arr.
ALTO		i				u
MÉDIO		e				o
BAIXO				a		

3.3.3.2.2. Nasais

Regiões Articulatorias

Altura da Língua	ANTERIOR		CENTRAL		POSTERIOR	
	Não-Arr.	Arr.	Não-Arr.	Arr.	Não-Arr.	Arr.
ALTO		ɥ				ŋ
MÉDIO		ɛ̃				
BAIXO				ã		

3.4. Sílaba

3.4.1. Estrutura e padrões silábicos

Na seção 2.5., foi apresentada uma breve discussão sobre a descrição fonética da sílaba na LGA, enfatizando os tipos silábicos foneticamente ocorrentes e alguns dos problemas de interpretação de certas sílabas.

Neste ponto, descrevo os padrões silábicos da LGA e procuro fornecer uma interpretação das sílabas, baseado nas discussões anteriores sobre as características fonológicas desta língua.

O padrão silábico geral pode ser resumido pela fórmula:

$(C_1) (C_2) V (C_3)$.

A sílaba na LGA apresenta três posições marginais facultativas (com algumas restrições de combinações entre si) e um núcleo silábico obrigatório que somente pode ser preenchido por um fonema vocálico.

3.4.2. Tipos silábicos

A partir do padrão genérico $(C_1) (C_2) V (C_3)$, foram identificados seis tipos silábicos específicos: três abertos (V, CV e CCV) e três fechados (VC, CVC e CCVC). Estes tipos encontram-se representados nas seguintes palavras:

(330)	/apukwáy/	[apu'kway]	V.CV.CCVC	'amarro'
(331)	/iêtréla/	[iê'trela]	VC.CCV.CV	'estrela'
(332)	/amuyáy/	[amu'gay]	V.CV.CVC	'aporto'

Embora, para a descrição dos tipos silábicos, não esteja sendo feita a distinção entre termos nativos e empréstimos, esta diferenciação poderá ressurgir ao tratar da constituição da sílaba e, principalmente, das restrições de combinações nos tipos VC, CCV e CCVC.

Em termos de frequência, os tipos abertos (V, CV, CCV) são os mais recorrentes. Já os tipos fechados (VC, CVC, e CCVC) apresentam baixa ocorrência, destacando-se, dentre eles, o tipo CVC como o de maior frequência.

3.4.3. Distribuição dos segmentos nos tipos silábicos

A constituição dos tipos silábicos apresenta algumas restrições quanto à combinação de segmentos assilábicos. Verificou-se, igualmente, que, em alguns tipos silábicos, há restrição também quanto ao preenchimento do núcleo silábico.

3.4.3.1. Restrição geral quanto ao núcleo silábico

Quando C for preenchido por /y/, V não poderá ser /i/; quando em C ocorrer /w/, então V não poderá ser /u/. Esta restrição vale para qualquer tipo silábico na LGA.

3.4.3.2. V

Qualquer fonema vocálico pode realizar este tipo silábico.

(333)	/i/	[i]	V	'água'
(334)	/uú/	[u'u]	V.V	'ele bebe'
(335)	/kaá/	[ka'a]	CV.V	'folha'
(336)	/seë/	[se'e]	CV.V	'doce'
(337)	/itá/	[i'ta]	V.CV	'pedra'
(338)	/marandúa/	[maran'dua]	CV.CVC.CV.V	'fuxico'

3.4.3.3. CV

Este tipo admite para a posição de C qualquer fonema consonantal e, para V, qualquer fonema vocálico.

(339)	/séra/	[s'era]	CV.CV	'nome dele'
(340)	/kupé/	[ku'pe]	CV.CV	'costa'
(341)	/sapukáya/	[sapu'kaya]	CV.CV.CV	'galinha'
(342)	/wirá/	[wi'ra]	CV.CV	'pássaro'
(343)	/gurá/	[gu'ra]	CV.CV	'jirau'
(344)	/payë/	[pá'yë]	CV.CV	'tudo'
(345)	/we'ra/	[we'ra]	CV.CV	'relâmpago'
(346)	/wawirú/	[wawi'ru]	CV.CV.CV	'rato'

3.4.3.4. CCV

Apresenta as seguintes características:

- a) C₁, na fonologia nativa, aparece preenchido apenas por /k/;
- b) C₂, na fonologia nativa, aparece preenchido apenas por /w/;
- c) dadas as condições a e b, em V ocorrerá /a/ ou /e/;
- d) C₁, nos empréstimos, pode ser /t/ ou /g/; neste caso, C₂ é invariavelmente /r/.

(347) /kwá/	['kwa]	CCV	'este'
(348) /sakwéna/	[sa 'kʷɛn _h]	CV.CCV.CV	'cheiroso'
(349) /iwikwára/	[iwi 'kwar _h]	V.CV.CCV.CV	'buraco no chão'
(350) /truvãw/	[tru 'vãw]	CCV.CVC	'trovão'
(351) /grósu/	['grosu]	CCV.CV	'grosso'

3.4.3.5. VC

Apresenta a seguinte composição:

- a) V pode ser qualquer vogal;
- b) C₂, pode ser preenchido só por /m/, /n/, /ɲ/, /r/, /w/, /y/

(352) /aykwé/	[ay 'kwe]	VC.CCV	'há'
(353) /umuéw/	[umu 'ew]	V.CV.VC	'ele apaga'

- (354) /ánga/ ['ãŋg_h] VC.CV 'alma'
 (355) /puampé/ [puãm'p_h] CV.VC.CV 'unha da mão'
 (356) /iêtréla/ [iê'trel_h] VC.CCV.CV 'estrela'

3.4.3.6. CVC

Apresenta a seguinte restrição: na posição de C₂, ocorrem só /m/, /n/, /ŋ/, /r/, e /y/.

- (357) /yawtí/ [yaw'ti] CVC.CV 'jabuti'
 (358) /waynambí/ [waynãm'bi] CVC.CVC.CV 'beija-flor'
 (359) /pindá/ [p'ɲn'da] CVC.CV 'anzol'
 (360) /yúntu/ ['yũntu] CVC.CV 'sozinho'
 (361) /mundéw/ [mũn'dew] CVC.CVC 'vestido'
 (362) /axóê/ [a'xoê] V.CVC 'arroz'
 (363) /feêtarúka/ [f_hêt_h'ruk_h] CVC.CV.CV.CV
 'salão de festa'
 (364) /kérpe/ ['k_herpe] CVC.CV 'sonho'

3.4.3.7. CCVC

O mais complexo e menos frequente dos tipos silábicos da LGA. Não há registro de ocorrência deste tipo no início da palavra. Compõe-se da seguinte maneira:

- C₁, /k/ ou /g/;
- C₂, apenas /w/;
- V, só pode ser /a/ ou /e/;

d) C₀, aparece preenchido por /n/, /y/, ou /w/.

- (365) /upukwáy/ [upu'kway] V.CV.CCVC 'ele amarra'
 (366) /yakwáw/ [ya'kwaw] CV.CCVC 'arisco'
 (367) /uagwentáy/ [uagwɛn'tay] V.V.CCVC.CVC
 'ele aguenta'

3.4.4. Distribuição dos segmentos consonantais nas sílabas

C ₁	C ₂	V	C ₀
p, t, k, f, s, ʃ			
b, d, g, m, n, z, ʒ, v, r, l	-	V	m, n, y, w
y, w			
t, k, g	r, w	V	n, y, w
-	-	V	m, n, y, w

3.4.5. Distribuição dos tipos silábicos quanto à acentuação

Pré-tônica	Tônica	Pós-tônica
V	V	V
CV	CV	CV
CCV	CCV	CCV
VC	VC	-
CVC	CVC	-
CCVC	CCVC	-

O quadro acima permite observar que há diferença de distribuição, quanto ao acento, entre os tipos silábicos abertos e os fechados. Diferentemente dos tipos silábicos abertos, os fechados só ocorrem em posição tônica ou pré-tônica.

3.5. Nasalidade das vogais

A nasalidade das vogais é, na LGA, um traço fonológico distintivo, uma vez que há oposição entre segmentos vocálicos orais e nasais. É possível, no entanto, estabelecer distinção entre nasalidade intrínseca (fonológica, portanto) e a nasalidade extrínseca (apenas

fonética) e verificar as condições em que uma e outra ocorrem.

3.5.1. Nasalidade intrínseca

Dizer que há nasalidade intrínseca de vogais na LGA é afirmar que há fonemas vocálicos nasais opondo-se a orais e, também, que a nasalidade dessas vogais nasais não pode ser atribuída a fatores contextuais.

São interpretados como intrinsecamente nasais os fonemas vocálicos tônicos sobre os quais não se verifica nenhum tipo de condicionamento por segmento nasal vizinho.

Em termos de convenção, na escrita fonológica desses segmentos a marca da nasalidade também indica a tonicidade:

(368) /tĩ/	['tēĩ]	'nariz'
(369) /seẽ/	['sē'ẽ]	'doce'
(370) /pirãya/	[pi'rãŋ]	'tesoura'
(371) /mukũy/	[mu'kũŋ]	'dois'
(372) /peyẽ/	[pē'yẽ]	'vocês'
(373) /upiĩ/	[upĩ'ĩ]	'ele ferroa'
(374) /tatapũya/	[tata'pũŋ]	'carvão'
(375) /umaã/	[umã'ã]	'ele vê'

São exemplos de oposição vogal oral e vogal nasal:

(376) /tĩ/	'nariz'	/tí/	'não'
------------	---------	------	-------

(377)	/umaã/	'ele vê'	/maá/	'que'
(378)	/ayũ/	'sozinho'	/yu/	'espinho'
(379)	/kutẽ/	'rápido'	/kupé/	'costas'
(380)	/payẽ/	'tudo'	/payé/	'pajé'

3.5.2. Nasalização dos fonemas vocálicos orais

Os fonemas vocálicos orais são nasalizados quando ocorrem contíguos a um segmento nasal, apresentando assim alofones nasalizados nas seguintes condições:

a) quando seguidos por uma vogal nasal imediatamente ou através de /y/ ou de /w/, que também se nasalizam:

(381)	/yaã/	[yã'ã]	'aquele'
(382)	/kawĩ/	[kã'wĩ]	'cachaça'
(383)	/umeẽ/	[umẽ'ẽ]	'ele dá'
(384)	/ki'ya/	[kĩ'yã]	'pimenta'
(385)	/umuyã/	[umũ'yã]	'ele faz'
(386)	/ayũ/	[ã'yũ]	'só'

Na palavra /ipuruã/ [ipuru'ã] 'grávida', contudo, não foi observada a nasalização da vogal oral que precede a vogal nasal.

b) quando em sílaba tônica e seguidos imediatamente por consoante nasal:

(387)	/ánga/	['ãŋgã]	'alma'
-------	--------	----------	--------

(388) /ipúnga/	[i'pũŋgɔ]	'inchado'
(389) /ikéntu/	[i'kɛntɔ]	'pertinho'
(390) /ukéna/	[u'kɛnɔ]	'porta'
(391) /ména/	[mɛnɔ]	'marido'
(392) /tuúma/	[tu'ũmɔ]	'cuspe'
(393) /éáma/	[ɛ'ãmɔ]	'corda'

c) quando em sílaba átona e seguidos por consoante nasal na mesma sílaba:

(394) /imbíra/	[ĩm'birɔ]	'filho dela'
(395) /pindá/	[pĩn'da]	'anzol'
(396) /ambaú/	[ãmba'u]	'eu como'
(397) /aentá/	[aɛn'ta]	'eles'
(398) /umpéna/	[ũm'pɛnɔ]	'ela quebrou'
(400) /andirá/	[ãndʒi'ra]	'morcego'
(401) /puampé/	[puãm'pɛ]	'unha da mão'

d) opcionalmente, quando em sílaba tônica final e precedidos por consoante nasal:

(402) /paraná/	[para'nã] ~ [para'na]	'rio'
(403) /naná/	[nã'nã] ~ [na'na]	'ananás'
(404) /ramé/	[ra'mɛ] ~ [ra'me]	'quando'
(405) /kurumí/	[kuru'mĩ]	'menino'
(406) /ritimá/	[ritɛi'mã]	'perna'
(407) /pinú/	[pi'nũ]	'peido'
(408) /umemuy/	[ume'mũ]	'ele cozinha'

(409) /gapenú/	[g _{ap} e'nũ]	'onda'
(410) /usenúy/	[use'nuy]	'ele chama'
(411) /mamé/	[mã'me]	'onde'
(412) /yané/	[yã'ne]	'nosso'

e) Opcionalmente, a sílaba átona quando entre consoantes nasais:

(413) /amána/	[a'mãna]	'chuva'
(414) /anáma/	[a'nãma]	'parente'
(415) /mími/	[mĩmi]	'ali'
(416) /mamé/	[mã'mẽ]	'onde'
(417) /naná/	[nã'nã]	'abacaxi'

Os fonemas vocálicos orais não são nasalizados após consoantes nasais quando em sílaba não final, ou quando em sílaba final átona, e não seguidos por consoante nasal:

(418) /míra/	[mĩra]	'gente'
(419) /mirá/	[mi'ra]	'madeira'
(420) /unupá/	[unu'pa]	'ele bate'
(421) /yumasí/	[yuma'si]	'fome'
(423) /mirí/	[mi'ri]	'pequeno'
(424) /anáma/	[a'nãm _a]	'parente'
(425) /ména/	[mẽn _a]	'marido'
(426) /kapuámu/	[kapu'ãmu]	'ilha'

(427)	/mími/	['mʔmi]	'ali'
(428)	/umukúna/	[umu'kʔnə]	'ele engole'

3.6. Acento

O acento é fonêmico na LGA, pois é capaz de distinguir enunciados, podendo incidir na última ou na penúltima sílaba.

(429)	/áwa/	['awə]	'cabelo'
	/awá/	[a'wa]	'quem'
(430)	/táwa/	['tawə]	'cidade'
	/tawá/	[ta'wa]	'amarelo'
(431)	/íwa/	['iwə]	'árvore'
	/iwá/	[i'wa]	'fruta'
(432)	/píra/	['pirə]	'corpo'
	/pirá/	[pi'ra]	'peixe'
(433)	/ápe/	['ape]	'aí'
	/apé/	[a'pe]	'caminho'
(434)	/míra/	['mirə]	'gente'
	/mirá/	[mi'ra]	'madeira'
(435)	/urúy/	[u'ruy]	'ele traz'
	/ruí/	[ru'i]	'sangue'
(436)	/karúka/	[ka'rukə]	'tarde'
	/karuká/	[karu'ka]	'urina'
(437)	/séra/	['sérə]	'nome dele'
	/será/	[se'ra]	'interrogação'

3.6.4. Acento secundário

Nas palavras compostas ou derivadas, cada elemento conserva seu acento. Contudo, os constituintes à esquerda apresentam acento secundário, ao passo que o último constituinte, à direita, carrega o acento principal.

- (438) /kupé/ 'costas' + /kǎwéra/ 'osso' = /kupèkǎwéra/
'espinhaço'
- (439) /ména/ 'marido' + /íma/ 'privado de' = /ménaíma/
'viúva'
- (440) /wirá/ 'pássaro' + /mirí/ 'pequeno' = /wiràmirí/
'passarinho'
- (441) /nambí/ 'orelha' + /púra/ 'pertinência' = /nambípúra/
'brinco'
- (442) /akánga/ 'cabeça' + /íwa/ 'ruim' = /akàngaíwa/
'doido'
- (443) /yašidú/ 'choro' + /wéra/ 'habitual' = /yašidúwéra/
'chorão'
- (445) /tatá/ 'fogo' + /tínga/ 'branco' = /tatàtínga/
'fumaça'
- (446) /kurumí/ 'menino' + /asú/ 'grande' = /kurumiasú/
'rapaz'
- (447) /íra/ 'mel' + /mǎya/ 'mãe' = /íramǎya/
'abelha'

- (448) /sasiára/ 'triste' + /tẽ/ 'mesmo' = /sasiàratẽ/
 'tristíssimo'
- (449) /míra/ 'gente' + /ambíra/ 'defunto' = /míraambíra/
 'gente morta'
- (450) /ukéna/ 'porta' + /pirú/ 'pisar' + /sáwa/ 'nominalizador' =
 /ukènapirúsáwa/ 'batente'

3.6.1.2. Mudança de acento:

A partícula enclítica <ntu> 'atenuativo', ao ser acrescentada a uma palavra paroxítona, faz avançar o acento desta, produzindo uma palavra fonológica paroxítona:

- (451) /puránga/ 'bonito' + /ntu/ = /purangántu/
 'bonitinho'
- (452) /irusánga/ 'frio' + /ntu/ = /irusangántu/
 'friozinho'
- (453) /sasiára/ 'triste' + /ntu/ = /sasaiarántu/
 'tristinho'
- (454) /teresému/ 'cheio' + /ntu/ = /terese múntu/
 'cheinho'
- (455) /pušiwéra/ 'feio' + /ntu/ = /pušiwérántu/
 'feioso'

NOTAS

1. Há uns poucos casos em que os alofones vocálicos orais e os nasais flutuam livremente, como se observa no exemplo 198. Na seção referente à nasalização, esta flutuação fica esclarecida.

2. A palavra /kãwéra/ apresenta uma vogal nasal intrínseca em sílaba não acentuada, contrariamente à regra geral das vogais nasais na LGA. Nos meus dados, este é o único exemplo deste tipo de ocorrência. O tipo de análise aqui utilizado não permite, entretanto, dar conta da nasalidade desta vogal.

BIBLIOGRAFIA

- ABERCROMBIE, D. 1960. Elements of general phonetics.
Edinburgh: Edinburgh University Press.
- ANDRIM, A.B. de. 1987. Lendas em Nheengatu e em Português. Manaus: Fundo Editorial - ACA.
- SARROS, M.C.D.M. 1982. Politica del lenguaje en Brasil colonial (1549-1759). Dissertação de mestrado. Escuela Nacional de Antropología e Historia. México.
-1983. Dois momentos da política linguística colonial. Belém. Datilografado.
- BORGES, L.C. 1988. "Nheengatu: itinerário de um resgate". Revista Cultural, 2(5): 16-17.
- CAGLIARI, L.C. 1983. Guia de transcrição fonética. Campinas: Instituto de Estudos da Linguagem/UNICAMP. (ms. datilografado).
- CÂNARA JR., J.M. 1977. Introdução às línguas indígenas brasileiras. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico.
- COSTA, F. Dom, 1909. Carta pastoral de D. Frederico Costa. Bispo do Amazonas, a seus amados diocesanos. Fortaleza, Typ. Minerva.

- DRUMMOND, M.C. 1984. "Política de estandarización del tupi en el Brasil colonial". Revista Cuicuilco, 4(12): 19-25.
- EDELWEISS F.G. 1969. Estudos tupis e tupi guaranis. Confronto e revisões. Rio de Janeiro: Livraria Brasileira.
- EVERETT, D. ms. A importância científica das línguas amazônicas. (Datilografado).
- FIGUEIREDO, N. 1989. "O rio, a floresta e o homem na Amazônia brasileira". Revista Cultural, 2(6): 16-18.
- FREIRE, J.B. 1983. "Da 'fala boa' ao Português na Amazônia brasileira". Ameríndia, (6): 39-83.
- GRANNIER, D.A.; PORTO, M.G. & RODRIGUES, A.D. ms. Os fonemas do Nheengatu. Mimeografado.
- GRENAND, F. & FERREIRA, E. H. 1989. Pequeno dicionário da Língua Geral. Manaus: SEDUC. (Série Amazonas, Cultura Regional, 6).
- HYMAN, L.M. 1975. Phonology: theory and analysis. New York: Holt, Rineheart and Winston.
- KINDELL, G.E. 1981. Guia de análise fonológica. Brasília: Summer Institute of Linguistics.

- LADEFOGED, P. 1971. Preliminaries to linguistic phonetics. Chicago: The University of Chicago Press.
- _____. 1975. A course in phonetics. New York: Hartcourt Brace Jovanovich.
- MAGALHÃES, J.V.C. de. 1975. O selvagem. Belo Horizonte: Itatiaia/EDUSP.
- MOREIRA NETO, C. de A. 1988. Índios da Amazônia, de maioria à minoria (1750-1850). Petrópolis: Vozes.
- NIMUENDAJU, C. 1982. Textos indigenistas. São Paulo: Loyola.
- OLIVEIRA, A.E. de. 1983. "Ocupação humana". Em Eneas Salati et al. 1983. Amazônia, desenvolvimento, integração e ecologia. São Paulo: Brasiliense/CNPq. P: 144-327.
- PIKE, K.L. 1971. Phonemics. A technique for reducing languages to writing. Ann Arbor: The University of Michigan Press.
- _____. 1972. Phonetics. A critical analysis of phonetic theory and a technique for practical description of sounds. Ann Arbor: The University of Michigan Press.
- RENAULT-LESCURE, O. 1989. As línguas faladas pelas

crianças no rio Negro (Amazonas): descontinuidade na transmissão familiar das línguas. Datilografado.

RIBEIRO, D. 1986. Os índios e a civilização. A integração das populações indígenas ao Brasil moderno. Petrópolis: Vozes.

RODRIGUES, A.D. 1984. Línguas brasileiras. Para o conhecimento das línguas indígenas. São Paulo: Loyola.

_____ 1987. On the linguistic rights of the indigenous minorities in Brazil. Datilografado.

SANTOS, A.M. de S. 1984. Etnia e urbanização no alto rio Negro: São Gabriel da Cachoeira, AM. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre.

SEIXAS, M.J. 1853. Vocabulário da língua indígena geral para o uso do Seminário Episcopal do Para. Pará: Typ. de Mattos e Comp.

- STRADELLI, E. 1929. "Vocabulários da língua geral Portuguez-Nheêngatú e Nheêngatú-Portuguez, precedidos de um esboço de gramática Nheêngatú umbué-sáua mirí e seguidos de contos em língua geral Nheêngatú porandua". Revista do Instituto Historico e Geographico, 104 (158): 9-768.
- TASTEVIN, C. 1923. Grammatica de lingua tupu. Sep. Rev. do Museu Paulista, 13:1-63.
- 1923. Vocabulário Tupu-Portuguez. Sep. Rev. do Museu Paulista, 13:65-152.
- TAYLOR, G. 1965. "Apontamentos sobre o Nheengatu falado no rio Negro, Brasil". Amerindia, (10): 5-23.
- 1988. Ortografia do Nheengatu. Proposta de um sistema gráfico para transcrever a Língua Geral do rio Negro. Paris: CNRS.
- "VOCABULÁRIO PORTUGUÊS BRASÍLICO. Mss do séc. XVIII". 1951. Bol. da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, 135: 1-113. (Monografia e Tupi-Guarani, 21).
- WEISS, H.E. 1960. Fonética articulatória. Guia e exercícios. Brasília: Summer Institute of Linguistics.

ANEXOS

A N E X O I

TRANSMISSÃO DA LÍNGUA GERAL AMAZÔNICA¹

QUADRO 1

	Línguas faladas		Línguas entendidas
	11	21	
Português	390	67	
Espanhol	1	21	84
Língua Geral	27	87	141
Tukano	36	29	62
Tuyuka		1	
Wanano	2	1	5
Desano			5
Piratapuya	1	2	11
Kubeo		1	2
Baniwa		3	10
Tariano		1	4
Baré			1

¹ Reproduzido de RENAULT-LESCURE, G. (1989), com permissão da autora.

QUADRO 2

Língua Geral/Idade

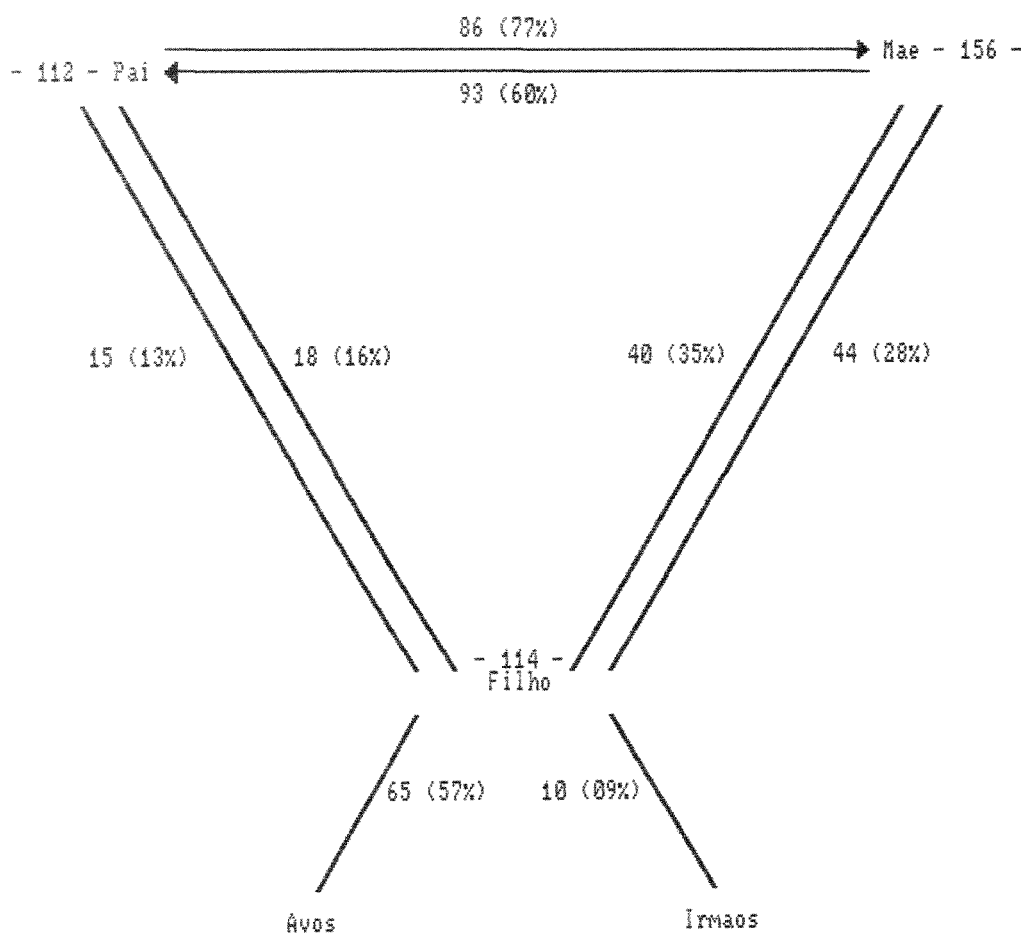
	<15	15-19	20-24	>25	TOTAL
ALUNOS	50	112	19	10	191
Falam Língua Geral (11/21)	19 (38%)	46 (41%)	15 (79%)	8 (80%)	88 (46%)
Entendem L. Geral	14 (28%)	52 (46%)	4 (21%)	2 (20%)	72 (38%)
Não conhecem a Língua Geral	17 (34%)	14 (13%)	0	0	31 (16%)

QUADRO 3

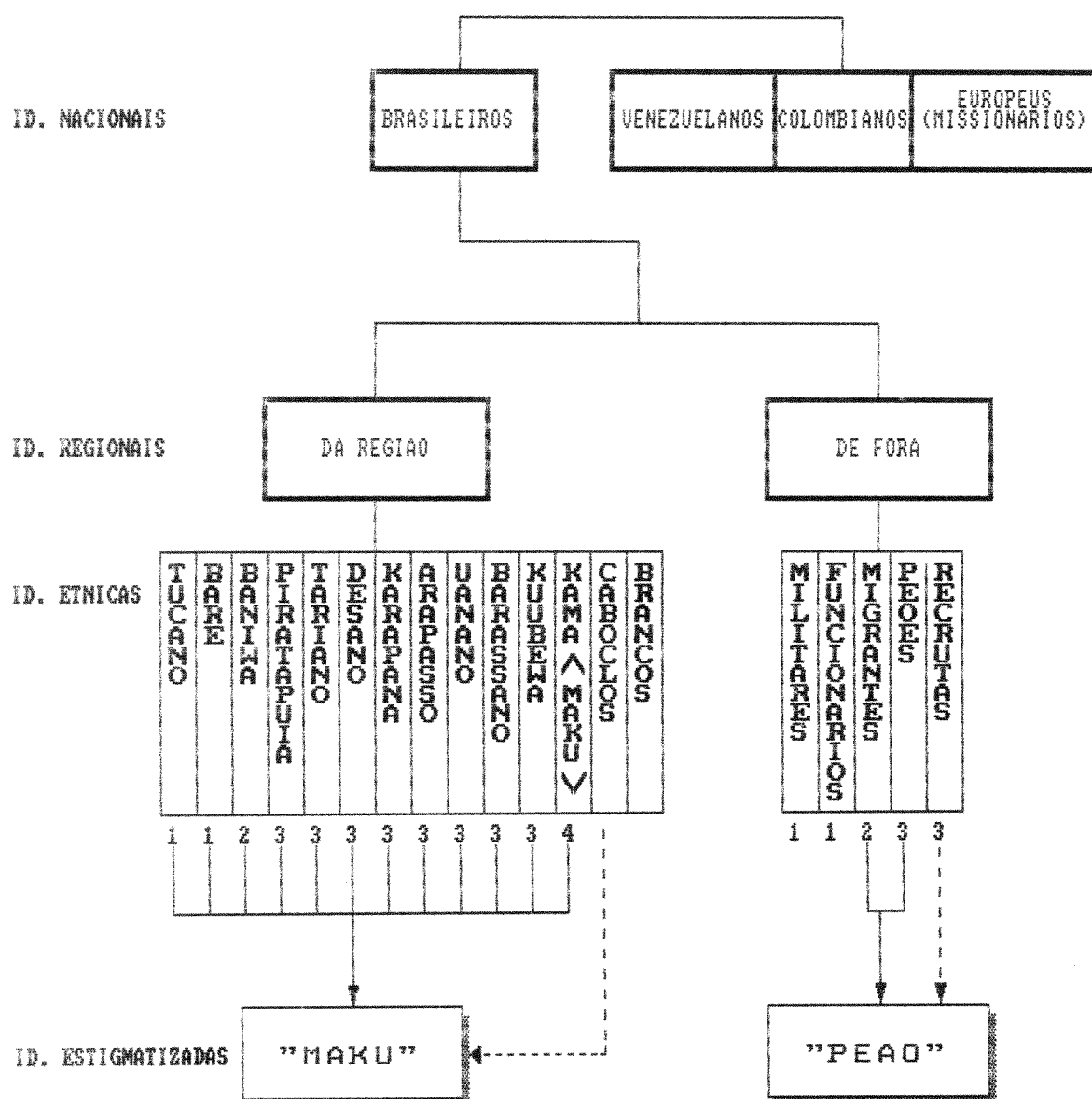
Língua Geral/Sexo

	M	F	TOTAL
ALUNOS	83	108	191
Falam Língua Geral (1a/2a)	31 (37%)	58 (53%)	89
Entendem L. Geral	36 (43%)	36 (33%)	72
Não conhecem a Língua Geral	16 (19%)	14 (13%)	30

QUADRO 4

Intercâmbios lingüísticos na família
(Língua Geral)

ANEXO III

IDENTIDADES ÉTNICAS EM SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA¹

OBS: A numeracao indica um tipo de relacao de prestigio relativo

¹ Reproduzido de SANTOS (1984), com permissao do autor.